



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

Prevenção à Violência no Namoro: avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções

Tainah Maria Santos

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos

Brasília, 2019

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

Prevenção à Violência no Namoro: avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções

Tainah Maria Santos

Orientadora: Prof^a. Dr^a Silvia Renata Magalhães Lordello

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Brasília, 2018

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e
Cultura (PPG-PsiCC/UnB)

**Prevenção à Violência no Namoro: avaliação de necessidades e
desenvolvimento de intervenções**

Tainah Maria Santos

Banca examinadora

Brasília, 13 de Fevereiro de 2019

Prof^a. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello (Presidente)

PsiCC/PCL/IP/UnB

Prof^a. Dra. Sheila Giardini Murta (Membro Titular)

PsiCC/PCL/IP/UnB

Prof^a. Dra. Miriam Cássia Mendonça Pondaag (Membro Externo)

IESB/SEDESTMIDH

Prof^a. Dra. Isabela Machado da Silva (Suplente)

PsiCC/PCL/IP/UnB

*À Tainah de 15 anos,
Resistimos. Sobrevivemos. Chegamos até aqui. Apesar de tudo e por causa de tudo.*

“We accept the love we think we deserve”
Stephen Chbosky, *The perks of being a wallflower*

AGRADECIMENTOS

À Silvia Lordello, minha maior referência no trabalho psicossocial, que além de uma excelente e orientadora, exerceu muito além de seu papel pedagógico nos últimos dois anos. Pela motivação, pelo incentivo, pelos prazos e pela organização que permitiram que esse trabalho fosse desenvolvido antes do tempo. Também pelos conselhos, pelos cafés, pelas caronas, pelas histórias compartilhadas, por toda a compreensão. Não existem palavras nem chocolates o suficiente para agradecer as trocas que tivemos neste período.

Aos membros da banca examinadora: Miriam Pondaag, Sheila Murta e Isabela Machado, por terem aceitado compartilhar sua vasta expertise nos temas pertinentes a este trabalho em tão curto prazo. É uma honra ter uma banca composta apenas por mulheres, e mulheres engajadas em promover transformações sociais.

À Matheus Neves, companheiro em cada etapa dessa jornada. Eu tenho certeza essa dissertação não seria a mesma sem as coisas que construímos juntos. Graças a você foi tudo mais tranquilo ou pareceu mais fácil. Provavelmente porque os momentos de surto e as infinitas tardes de estudo eram compartilhadas. Agradeço por cada um desses dias de convivência. Entre a descontração e a produtividade acadêmica eu sei que crescemos muito juntos, e eu tenho muito orgulho de você, de quem você é e de tudo que você faz porque você simplesmente é a pessoa mais inteligente que eu conheço (Nada pra se orgulhar, Matheus?). Que nossos mestrados sigam rendendo bons frutos e que venha o doutorado em dupla! Ainda bem que a agência dos correios ainda estava aberta.

Ao amigo que me acompanha desde a graduação, Renan Lyra, por todos os bares, fast-foods, cigarros e fofocas compartilhados nesse processo e pela vida. Além de grande amigo, Renan foi um grande guia na obtenção desse título, sempre disposto a compartilhar experiências e auxiliar nos processos burocráticos. À Nany Gutierrez, amiga e também

companheira de mestrado, que somou tanto aos projetos que compartilhamos, através do seu olhar interdisciplinar, senso crítico afiado e personalidade única. Aos companheiros de orientação, Luciana, Lara e William, por nossas trocas durante esse último semestre.

Ao amigo Guto Costa, por ter me feito companhia nos momentos bons e ruins, me animado muitas vezes com sua irreverência e me consolado com seu jeito afetuoso e empático, sendo uma das pessoas que eu tenho mais certeza que eu posso contar para qualquer coisa. À amiga Luanna Moura, meu exemplo de mulher forte, inteligente, determinada e independente. Muito obrigada por estar presente mesmo longe, e continuar sendo uma das melhores amigas que alguém pode ter.

Ao meu excelente terapeuta, Bruno Costa, por ter me acompanhado, disponibilizado sua escuta e empatia, e por estar disponível durante esse percurso. Nossos encontros no CAEP foram essenciais para a minha produtividade e saúde mental nesse período.

Aos meus queridos alunos do estágio em docência, pelo ambiente de crescimento e trocas que criamos em sala de aula. Foi a experiência mais difícil e ao mesmo tempo realizadora da minha formação, e eu não sei se teria crescido tanto nela se vocês não tivessem confiado em mim e se disposto à aprender comigo. Nossos encontros estão entre as lembranças que eu guardo com mais carinho.

Aos primeiros membros do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Intervenções Psicossociais (GEPIIP), por nossos debates e pelas reflexões críticas promovidas. E por mostrar que o espaço de descontração e de produção pode ser o mesmo. Espero, em alguns anos, ver esse projeto conduzido pelos colegas de psicossocial, Elizandra Silva e Otto Leone.

Agradeço nominalmente à Júlia Ireno di Flora, Isadora Camêlo e Elizandra Silva, por contribuírem com a coleta de dados. Ao Danilo Farias, por abrir as portas da escola onde

trabalha para essa pesquisa e por todo o suporte nesse percurso. Aos adolescentes que aceitaram contribuir com esse projeto e compartilhar suas histórias. Ao Lucas Mafra, que com sua solicitude e boa vontade salvou meu notebook e, por conseguinte, essa dissertação.

Às professoras que definiram o percurso deste mestrado. Isabela Machado, por durante a graduação ter sido uma excelente supervisora, que além da capacidade técnica e das explicações didáticas, sempre acolheu as angústias dos alunos quanto a prática, e me mostrou uma atuação mais humana como psicóloga. Essa experiência foi determinante para que eu adotasse a atuação psicossocial como foco da minha carreira. À Sheila Murta, grande referência na área de intervenções e de violência no namoro. Suas aulas, feedbacks e conversas de corredor enriqueceram e deram forma a esse projeto. Agradeço também pelo seu jeito de ver potencial nos alunos e motivá-los a atendê-lo por meio do seu otimismo. Se até você acreditou em mim, quem era eu para não acreditar também? Espero que ainda tenhamos muitas oportunidades de trabalho para tornar reais nossas utopias. À Larissa Polejack, que me acolheu em um momento difícil e fez questão da minha presença em sala de aula mesmo assim, pelo olhar e escuta empática que tens com seus alunos.

À minha família, por todo o suporte e compreensão. À minha mãe, por ser uma mulher muito mais forte e mais feminista do que ela mesma reconhece. E ao meu pai, pelo suporte e por ter se tornado uma versão dele mesmo com que eu adoro conversar. Também por ter perguntado tantas vezes se eu já estava acabando o mestrado que adiantei o prazo em seis meses. Aos meus irmãos, Raphael e André, que acreditaram em meu potencial e cresceram desempenhando muitos papéis além do de irmão na minha vida, e sei que as escolhas deles também contribuíram muito para que eu chegasse até aqui.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado que financiou essa pesquisa.

Sumário

Lista de Tabelas e Figuras.....	12
Resumo da Dissertação.....	13
Dissertation's Abstract.....	15
Apresentação da Dissertação.....	17
Manuscrito 1 - Avaliação de intervenções de prevenção à violência no namoro: uma revisão sistemática.....	20
Resumo.....	20
Abstract.....	21
Introdução.....	22
Método.....	26
Resultados.....	28
Discussão.....	35
Referências.....	39
Manuscrito 2 - O desenvolvimento de intervenções preventivas à violência no namoro em contexto brasileiro.....	45
Resumo.....	45
Abstract.....	46
Introdução.....	47
Método.....	53
Participantes.....	53
Instrumento.....	53
Procedimentos.....	55

Análise de dados.....	56
Resultados.....	56
Avaliação de necessidades.....	56
Objetivos de mudança.....	57
Definição de métodos e teorias.....	57
Desenho e desenvolvimento do programa.....	57
Uso do programa, adoção, implementação e sustentabilidade.....	57
Impacto do programa.....	58
Discussão.....	58
Considerações finais.....	62
Referências.....	63

Manuscrito 3 - A percepção de adolescentes sobre violência nos relacionamentos

afetivo-sexuais à luz da teoria bioecológica.....	67
Resumo.....	67
Abstract.....	68
Introdução.....	69
A teoria bioecológica do desenvolvimento humano.....	70
Violência no namoro e adolescência.....	71
Método.....	73
Participantes.....	73
Instrumentos.....	74
Cuidados Éticos.....	74
Procedimentos.....	74
Análise de dados.....	75

Resultados e Discussão.....	75
A idade de início da vida amorosa e os tipos de relacionamento.....	75
Características desejadas e indesejadas de um relacionamento.....	78
Reconhecimento de relacionamentos abusivos e violências.....	79
Diálogo sobre violência no namoro e rede de apoio social.....	83
Referências.....	89
Considerações finais da dissertação.....	95
Referências.....	100
Anexo A.....	101

Lista de Tabelas e Figuras

Tabela 1.1 - objetivo, avaliações e resultados dos artigos analisados.....	27
Tabela 2.1 - Categorização, descrição e frequência dos conteúdos abordados nas intervenções.....	31
Tabela 1.2 - Questões da forma como constaram no instrumento.....	54
Tabela 1.3 - Identificação dos participantes por nome fictício, idade e série escolar.....	73
Figura 1 – Modelo Lógico.....	101

Resumo da dissertação

A violência nos relacionamentos íntimos pode ser manifestada de forma física, psicológica, material e sexual. Apesar da alta prevalência e das graves consequências, são escassas as iniciativas brasileiras que buscam prevenir a violência no namoro (VN). Este trabalho teve por objetivo realizar uma avaliação de necessidades sobre uma intervenção preventiva à violência no namoro. A avaliação de necessidades consiste no levantamento dos determinantes ligados ao problema alvo de intervenção, sua prevalência na comunidade, identificação de comportamentos, fatores ambientais e psicossociais que tenham impacto no problema. Para atender a esse objetivo, investigou-se três fontes: a literatura, os desenvolvedores de intervenção e os adolescentes, que são o principal público-alvo das intervenções, compondo os três manuscritos que integram essa dissertação. O objetivo do primeiro artigo foi realizar uma revisão sistemática da produção científica sobre as intervenções universais em prevenção à violência no namoro e como essas foram avaliadas. Foram recuperados 14 artigos das bases eletrônicas. Os resultados são promissores na redução de crenças sexistas, nas atitudes sobre violência e no desenvolvimento de competências para relacionamentos saudáveis. Os achados apontaram um baixo número de intervenções que se mostraram efetivas na redução da perpetração e da vitimização em VN, e poucas intervenções acessaram as necessidades dos adolescentes e avaliaram o processo. O segundo trabalho teve por objetivo investigar junto a pesquisadores brasileiros o processo de criação de uma intervenção, de acordo com os passos da *Intervention Mapping Approach* (IMA), e explorar as barreiras e facilidades encontradas neste percurso. Quatro pesquisadores responderam a uma entrevista estruturada. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo e os resultados foram agrupados de acordo com os passos da IMA. A produção de programas preventivos à violência no namoro está majoritariamente concentrada nas

universidades públicas. Observa-se que as intervenções brasileiras são desenvolvidas com forte respaldo da literatura e seguem um planejamento sistematizado, o que pode garantir a qualidade das mesmas e evitar iatrogenias. Contudo, percebe-se que os programas contam com poucos multiplicadores e recursos financeiros, o que reduz o alcance, a sustentabilidade e a difusão das mesmas. O terceiro manuscrito teve por objetivo investigar as percepções dos adolescentes sobre violência no namoro e analisar, à luz da teoria bioecológica, os conteúdos dos adolescentes sobre o tema de violência no namoro. Foram realizados dois grupos focais com 6 alunos cada de ensino médio de uma escola pública do DF. Os dados foram analisados qualitativamente e quatro categorias foram derivadas da construção dos grupos. Os resultados indicaram que os adolescentes iniciam a vida amorosa cada vez mais cedo e reconhecem a importância da prevenção por demandarem um espaço de diálogo sobre a violência no namoro que preceda essas experiências. Apesar de reconhecerem violência em seus relacionamentos e de seus pares, os jovens percebem que apresentam dificuldade em estabelecer limites nas relações e não sentem que contam com recursos para intervir com os amigos.

Palavras-chave: Violência no namoro, Avaliação de Necessidades, Intervenção, Prevenção, Adolescentes

Abstract

Violence in intimate relationships may be manifested in a physical, psychological, sexual and material form. Despite the high prevalence and the serious consequences, there are few brazilian initiatives that seek to prevent dating violence (DV). This study aimed to conduct a needs assessment on a preventive intervention to prevent DV. The needs assessment is the survey of the determinants linked to the problem, your target prevalence in the community, identifying behaviours, psychosocial and environmental factors that have an impact on the problem. To meet this goal, three sources have been searched: the literature, intervention's developers and the teenagers, who are the main target audience of the interventions, composing the three manuscripts that integrate this dissertation. The objective of the first article was to conduct a systematic review of the scientific literature on universal interventions in prevention of dating violence and how these were evaluated. Fifteen articles were recovered from electronic bases. The results are promising in reducing sexist beliefs, attitudes about violence and to develop skills for healthy relationships. The findings showed a low number of interventions that've proven effective in reducing the perpetration and victimization in DV, and few interventions have accessed the needs of teenagers or conducted process evaluation. The second study aimed to investigate researchers who have already participated in the development of an intervention in DV. The research sought to understand the process of creating an intervention according to the steps of Intervention Mapping Approach (IMA) and explore the barriers and resources found in this way. Four researchers responded to a structured interview. Data were analyzed through content analysis and the results have been grouped according to the steps of the IMA. The production of preventive programmes to DV is mostly concentrated in the public universities. Probably, that's why brazilian interventions are developed with a strong endorsement of literature and follow a

systematic planning, which can ensure quality and prevent iatrogenic repercussions. However, for the same reason, the programs have few financial resources and multipliers, which reduces the reach, sustainability and dissemination of this interventions. The third manuscript aimed to investigate teenager's perceptions about dating violence and analyze the contents of the teenagers produce about dating violence, using the bioecological theory. Two focus groups were conducted with high school students in a public school in DF. The data were analyzed qualitatively and four categories were derived from the construction of the groups. The results indicated that adolescents begin the love life earlier than expected and recognize the importance of prevention by demanding a space to talk about DV before having their first experiences. Despite acknowledging violence in their relationships and in their peer's, young people recognize difficulties in establishing boundaries in relationships and don't feel they have the resources needed to intervene with friends.

Keywords: dating violence, needs assessment, intervention, prevention, teenagers

Apresentação da Dissertação

A trajetória deste trabalho começou com a inserção da pesquisadora no campo das intervenções psicossociais em um estágio no Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Nesse contexto, era realizado o atendimento de famílias, muitas vezes em contexto de carências múltiplas, em casos de violência intrafamiliar, abuso sexual, violência doméstica e acompanhamento de curatela. A prática demonstrou o quanto o trabalho psicossocial demanda criatividade, articulação, sensibilidade às demandas do outro e assertividade. Assertividade essa fundamental para se constatar que uma intervenção que ocorre em um único encontro tem a capacidade de gerar potencial e ser combustível de mudanças na dinâmica familiar.

Peço licença para relatar em primeira pessoa um caso muito emblemático para a escolha desse campo de pesquisa, que promoveu reflexões profissionais e pessoais. O caso de uma garota de 21 anos, mais nova do que eu na época em que a atendi. Ela namorava o mesmo garoto desde os 13 anos, e ele começou a traficar quando ambos tinham 15 anos. Esse foi o único namorado dela. Lembro dela contar sobre as adversidades que passaram para ficar juntos no início da relação, das emoções do primeiro amor. Também lembro dela me contar sobre as tentativas de terminar, todas respondidas com violência. Alguns anos depois, quando o namorado foi preso, ela ainda não conseguiu sua liberdade, pois os colegas dele monitoravam a rotina dela para garantir que ela não encontrasse um novo parceiro. Quando ele foi solto, eles tentaram retomar a relação. Quando ela concluiu mais uma vez que eles não podiam continuar juntos, ele respondeu com um tiro. Apesar das medidas jurídicas já terem sido tomadas após o último episódio de violência, isso não tirava o medo dos olhos da jovem diante de mim. Sua principal demanda era fugir do mesmo homem que ela também considerou seu primeiro amor. Dentre todas as histórias que ouvi, a dela ficou comigo pela

clara falta de fronteiras entre o amor e a violência, como se andassem de mãos dadas. Aquele homem era todo o referencial de relacionamento que ela tinha, aquele que moldou sua concepção de amor. Eu não sei o que aconteceu com ela depois que todas as medidas cabíveis foram tomadas para preservá-la de novas agressões. Me pergunto se ela teve a oportunidade de construir com uma nova pessoa, em outro lugar, uma nova concepção de relacionamento e, finalmente, encontrou o amor que ela merecia. Sempre torço para que ela tenha sido protegida o suficiente para essa oportunidade. Compreendendo os impactos que as experiências iniciais de relacionamento tem na construção da identidade e das futuras relações, cheguei a seguinte pergunta: O que seria necessário para prevenir a violência nos primeiros relacionamentos?

O Brasil é signatário de documentos internacionais que pactuam a extinção de qualquer forma de violência e discriminação contra as mulheres (Oliveira, 2004). A rede psicossocial conta com aparato para promover o acolhimento integral das vítimas de violência de gênero, mas carece urgentemente de intervenções que previnam que elas sejam vitimizadas, visto que são escassas estas iniciativas (Murta, Santos, Martins, & De Oliveira, 2013).

O objetivo inicial dessa pesquisa era desenvolver uma intervenção de prevenção a violência no namoro. Após ampliar a compreensão da ciência por trás do desenvolvimento de intervenções psicossociais, optou-se por desenvolver no curso do mestrado o primeiro passo para o planejamento de uma intervenção: a avaliação de necessidades.

Os três artigos que compõem a dissertação são levantamentos de necessidades de diferentes fontes. O primeiro artigo é uma revisão sistemática da literatura em intervenções preventivas à violência no namoro. Foram analisados 14 artigos publicados nos últimos 5 anos. O segundo artigo teve por objetivo consultar desenvolvedores brasileiros deste tipo de

intervenção, quanto ao processo de desenvolvimento de intervenções no contexto local, e as barreiras e facilidades encontradas neste percurso. Por fim, o terceiro artigo apresenta os resultados obtidos por meio da realização de grupos focais com adolescentes, público-alvo das intervenções em tela, a fim de compreender as percepções e demandas deles sobre a temática de violência nas relações afetivo-sexuais.

Unindo os dados obtidos desses diferentes informantes, espera-se obter insumos para direcionar o desenvolvimento de intervenções preventivas à violência no namoro. A escolha pela produção da dissertação em formato de artigos foi feita para facilitar o processo de publicação dos resultados e contribuir para a produção de conhecimento na temática e colaborar com outros pesquisadores. Nas considerações finais, apresento o modelo lógico de intervenção construído com as informações levantadas neste trabalho. Espero que ele seja o ponto de partida para a tese de doutorado, pela qual pretendo retomar o projeto de desenvolver uma intervenção nesse tema e seguirei os demais passos de produção da intervenção até a sua implementação e avaliação. Contudo, os objetivos de tal intervenção mudaram, pois para prevenir os relacionamentos abusivos não basta reconhecer a violência, é fundamental promover os relacionamentos saudáveis e a equidade de gênero junto aos adolescentes.

Referência

- Oliveira, F. (2004). A Convenção de Belém do Pará dez anos depois. *Boletim do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade*, 7, 357.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & De Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117–131. doi:<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.05>

Manuscrito 1 - Avaliação de intervenções de prevenção à violência no namoro: uma revisão sistemática¹

Resumo

A violência no namoro (VN) manifesta-se de forma moral, psicológica, física e sexual. Revisões sobre as intervenções de prevenção à violência no namoro indicam que apesar do campo ser crescente, a efetividade destes programas ainda é pouco conhecida. O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão sistemática da produção científica sobre as intervenções universais em prevenção à violência no namoro e como estas tem sido avaliadas. Foram recuperados 15 artigos das bases eletrônicas. Os artigos em tela nesta revisão apresentaram resultados promissores na redução de crenças sexistas, nas atitudes sobre violência e no desenvolvimento de competências para relacionamentos saudáveis. Os resultados apontaram um baixo número de intervenções que se mostraram efetivas na redução da perpetração e da vitimização em VN, e poucas intervenções acessaram as necessidades dos adolescentes e avaliaram o processo. Recomenda-se, para o desenvolvimento de futuras intervenções, que elas estendam seu alcance para atingir alvos secundários como família, escola e comunidade. Quanto ao conteúdo, incentiva-se o uso de teorias de gênero e o desenvolvimento de habilidades e competências que proporcionem relacionamentos saudáveis, além de expandir a transmissão de conteúdo de uma abordagem informativa para formas mais criativas.

Palavras-chave: Violência no Namoro, Intervenção, Prevenção, Revisão sistemática

¹ Artigo submetido a um periódico durante o mestrado, aguardando avaliação Santos, T. M., Lordello, S. R. M., & Murta, S. G. (no prelo). *Avaliação de intervenções de prevenção à violência no namoro: uma revisão sistemática*.

Abstract

Dating Violence (DV) is manifested by moral, psychological, physical or sexual violence among intimate partners. Reviews about interventions for DV prevention show that, despite of being a growing field of research, not much is known about this program's effectiveness, because a few of them have undergone evaluation. This study's goal was making a systematic review of the scientific production about universal interventions in DV prevention and how they've been evaluated. 14 articles were retrieved from online databases. Interventions developed in North America and implemented in schools were predominant. Studies adopted experimental or quasi-experimental design. The articles in this review exhibit promising outcomes on sexist beliefs, attitudes about violence and development of competences for healthy relationships. There still a low number of interventions that proved to be effective in reduce DV perpetration and victimization, and of publications that access the teenagers's needs and evaluate the intervention's process. Is suggested for the development of future interventions to extend the reach secondary targets such as family, schools and community. About the intervention content, is encouraged to use gender theories and development of social skills and competences that provide healthy relationships, in addition to cast content in more creative ways.

Keywords: Dating Violence, Intervention, Prevention, Systematic Review

A violência de gênero é um fenômeno epidêmico que ultrapassa fronteiras e ocorre mundialmente, apesar das significações para tal violência serem permeadas pela cultura (Gomes, Minayo & Silva, 2005). Segundo o Mapa da Violência (Waiselfisz, 2015), nos casos registrados de violência contra a mulher, os parceiros ou ex-parceiros são agressores em 23,2% dos casos quando as vítimas são adolescentes. No caso das mulheres jovens, cônjuges ou namorados, atuais ou anteriores, somam 50,7% das autorias de agressão.

A violência no namoro (VN) pode se manifestar de forma moral, psicológica, física e sexual. A violência moral é caracterizada por xingamentos e difamações, com intuito de caluniar o parceiro. A violência psicológica está intimamente atrelada aos efeitos da violência moral, acrescida de chantagens, coerções e ameaças. A violência física costuma ser a mais reconhecida, expressada por tapas, empurrões e socos. A violência sexual no relacionamento se dá por meio de coerções e estímulo de práticas cujo parceiro não se sente à vontade para realizá-las (Fonseca, Ribeiro & Leal, 2012; Gomes, Minayo & Silva, 2005).

O campo de pesquisa sobre violência nos relacionamentos íntimos vem se expandido nos últimos 30 anos. Preponderantemente, os estudos tratam de casais em matrimônio ou coabitação, e os programas e serviços que buscam prevenir ou intervir nesse tipo de violência costumam ser designados para o público adulto. As pesquisas e intervenções em VN com adolescentes partem da década de 80 (Roscoe & Callahan, 1985), mas ainda não tem a mesma expansão que os demais estudos em violência doméstica (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004; Oliveira, Gessner, Brancaglioni, Fonseca & Egry, 2016).

A adolescência é um período marcado por transformações, no qual os indivíduos buscam abandonar a dependência infantil e almejam suas próprias experimentações. As primeiras relações afetivas surgem nesta etapa da vida, no contexto do desenvolvimento psicosssexual, da puberdade e da sexualidade (Cerqueira-Santos, Neto & Koller, 2014). A VN

entre adolescentes pode ser um fator preditivo para ocorrência de violência em relacionamentos maritais ou outros relacionamentos amorosos. Visto que as experiências nesta etapa do desenvolvimento não são definitivas, este é um momento do ciclo vital fértil para a promoção de diálogo e prevenção de violência (Barreira, Lima & Avanci, 2013; Oliveira & Sani, 2009; Carreteiro, 2010).

Apesar da crescente literatura nacional sobre VN, os estudos ainda buscam compreender e descrever o fenômeno. São poucas as iniciativas para o desenvolvimento de intervenções no contexto cultural brasileiro (Murta et al. 2013b; Murta et al. 2016). Revisões sobre as intervenções de prevenção à violência no namoro (IPVN) produzidas até o momento, indicam que a maioria dos programas é desenvolvida em contexto norte-americano, na escola, com alunos de ensino médio. A efetividade destes programas é pouco conhecida; são escassas as intervenções que passaram por avaliações com rigor científico (Hickman, Jaycox & Aronoff 2004; Murta, Santos, Martins & De Oliveira, 2013a).

Para maior compreensão dos mecanismos e resultados de uma intervenção, são utilizados três tipos de avaliações: as de necessidade, de processo e de resultados. Estas avaliações podem certificar que os programas de intervenção produzem as mudanças para as quais se propõem, e podem, também, evitar iatrogenias. Além disso, favorecem a implementação de um mesmo programa em diversos contextos, garantindo que seus elementos principais e resultados sejam mantidos (Moore et al., 2013; Murta et al., 2016).

A avaliação de necessidades é uma etapa do planejamento da intervenção que se propõe a analisar os fatores epidemiológicos, sociais e comportamentais envolvidos no fenômeno que será foco da intervenção. Estes fatores podem ser avaliados junto ao público-alvo, assim com a viabilidade e a atratividade da intervenção. Também é possível levantar com potenciais usuários da intervenção quais os problemas que tem sido experienciados e

quais as soluções disponíveis em sua realidade e comunidade em relação a tal fenômeno (Bartholomew, Parcel, Kok, Gottlieb & Fernández, 2011; Murta et al., 2016).

A avaliação de processo procura examinar o funcionamento de uma intervenção, a partir de sua implementação, mecanismos de impacto e do contexto no qual ela é desenvolvida (Moore et al., 2013). Neste artigo os componentes do processo considerados foram: contexto, recrutamento, alcance, dose recebida, dose fornecida, fidelidade e implementação (Linnan & Steckler, 2002). O contexto abrange os aspectos sociais, políticos e econômicos que podem influenciar os resultados de uma intervenção. O recrutamento abrange os procedimentos para abordar e atrair os participantes para participar do programa. O alcance está relacionado a adesão dos participantes à intervenção e pode ser medido pela frequência dos mesmos. A implementação abrange toda a estrutura, recursos e processos que são necessários para que a intervenção ocorra. A dose recebida diz sobre o engajamento, participação e interação ativa dos participantes com a intervenção. A dose fornecida é o quanto os conteúdos planejados foram oferecidos no programa. A fidelidade é o quanto os conteúdos do programa foram entregues na prática como o planejado (Linnan & Steckler, 2002; Moore et al., 2013).

Os resultados de uma intervenção podem ser avaliados por diversos métodos, quantitativos e qualitativos, medindo variáveis consideradas relevantes para os objetivos de mudança da intervenção, antes e depois da entrega da mesma aos participantes. Os métodos mais robustos são aqueles que adotam randomizações na seleção de participantes e na designação de grupos. Para verificar se os efeitos verificados na avaliação de resultados se mantêm a longo prazo, são conduzidos estudos de *follow-up* (Craig et al., 2008).

Entre os anos 1990 e 2010, apenas 15 estudos contemplaram intervenções primárias à violência no namoro e apresentaram algum tipo de avaliação de intervenção. Destes, apenas 9

tiveram como público-alvo os adolescentes. Só um dos estudos foi desenvolvido na América Latina, no México (Murta et al., 2013a).

Nas intervenções avaliadas, as que apresentaram resultados mais eficazes foram aquelas que foram praticadas em múltiplos contextos (ex.: escola, família, comunidade), que elegeram um adulto de referência para os adolescentes (ex.: pais, professores) e que também demonstraram alternativas saudáveis de modos de se relacionar. Introduzir discussões sobre equidade de gênero e utilizar abordagens múltiplas (ex.: filmes, workshops) também foram fatores cruciais para a efetividade das intervenções (Koker, Matthews, Zuch, Bastien & Mason-Jones, 2014; Ting, 2009). As intervenções que encontraram resultados menos promissores foram as de menor duração, centradas apenas na exposição de conteúdo informativo sobre VN e comportamentos abusivos (Koker et al., 2014).

O presente artigo optou pelo enfoque na prevenção universal por incluir participantes independente da exposição à fatores de risco ou vitimização/perpetração de VN prévia (Murta et al., 2016). Essa categoria de prevenção é mais abrangente e tem potencial de alcançar também aqueles que já sofreram algum tipo de VN, mas não souberam identificar a violência ou não souberam como procurar ajuda. Sendo assim, ela pode prevenir tanto a incidência quanto a reincidência de violência.

Este estudo visa analisar a produção mais recente em IPVN, dando seguimento às revisões anteriores. O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão sistemática da produção científica sobre as intervenções universais em prevenção à violência no namoro e como estas foram avaliadas. Lembrando que a intervenção universal é baseada em uma ação preventiva destinada a públicos diversos, inclusive os não vulneráveis. Pretende-se investigar as tendências de temas abordados nesse tipo de ação, o formato das intervenções, sua efetividade e de que maneira estão sendo avaliadas.

Método

Os estudos foram recuperados em bases de dados eletrônicas e submetidos à análise, que seguiu as seguintes etapas: delimitação do foco da pesquisa; seleção de base de dados; escolha de palavras-chave; definição de critérios de inclusão; análise de títulos; seleção da amostra através da análise de resumos; extração e categorização dos dados obtidos nos artigos selecionados; e análise e interpretação dos dados.

O foco da pesquisa foi em artigos científicos e empíricos que descreveram intervenções preventivas em violência no namoro e que também apresentaram algum tipo de avaliação da intervenção descrita. As fontes de dados selecionadas foram PsycINFO, Scientific Electronic Library Online (SciELO), ProQuest Psychology Journals e PubMed. Utilizou-se os seguintes descritores para busca: “*dating violence AND intervention*”, “*intimate partner violence AND intervention*”, “*dating violence AND prevention*” e “*intimate partner violence AND prevention*”. A busca foi realizada em outubro de 2017.

A seleção dos artigos foi feita através da análise de títulos e resumos. Os critérios de inclusão foram: (1) artigos empíricos publicados entre 2012 e 2017; (2) nos idiomas inglês e português; (3) que contassem com a descrição da intervenção realizada; (4) sendo esta voltada especificamente para o tema da violência em contexto de relacionamentos, excluindo aquelas que tratavam deste tema entre outros (5) que os participantes fossem adolescentes (6) que esta intervenção fosse universal, excluindo aquelas que foram elaboradas para algum grupo de risco; (7) que apresentassem algum tipo de avaliação da intervenção, seja de necessidade, de processo ou de resultados.

O conteúdo extraído dos artigos selecionados foi categorizado da seguinte forma: (a) país onde ocorreu a intervenção; (b) programa implementado; (c) delineamento de estudo e *follow up*; (d) número de participantes e faixa etária; (e) local de recrutamento e aplicação da

intervenção; (f) público-alvo; (g) formato da intervenção (frequência, quantidade e duração de sessões); (h) conteúdo da intervenção (temas abordados e técnicas utilizadas); (i) resultados ;(j) avaliação de necessidades (se houve e como foi realizada); e (k) avaliação de processo (se houve, em quais elementos do processo, como foi realizada).

Após a categorização, o conteúdo foi inserido em uma planilha eletrônica. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente. Quando quantificáveis, em porcentagem e frequência. Para o tratamento qualitativo, foi utilizada análise de conteúdo.

Resultados

O número total de artigos recuperados nas bases de dados foi 1618, buscando-se apenas textos na língua inglesa e portuguesa, sem exclusão de artigos repetidos. Após a leitura de títulos e resumos, foram selecionados 33 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, atingiu-se a amostra final de 14 artigos. A tabela 1.1 apresenta os objetivos destes artigos, as avaliações utilizadas e seus principais resultados.

Tabela 1.1 objetivo, avaliações e resultados dos artigos analisados

Estudo	Objetivo	Avaliações	Resultados
Murta et al., 2013b (Brasil)	“avaliar efeitos da intervenção sobre a intenção de enfrentamento à violência no namoro e crenças sexistas e homofóbicas”	Avaliação pré e pós teste com grupo controle Avaliação de Impacto Avaliação de processo - Dose recebida	- Redução de crenças sexistas e homofóbicas hostis - Aumento de crenças pró equidade de gênero e diversidade de orientação sexual - Redução em formas de enfrentamento com violência - Follow up de 5 meses: Participantes consideram manter um efeito positivo da intervenção em seu modo de pensar e agir
Saavedra, & Machado, 2012 (Portugal)	“Promover atitudes mais realistas e informadas em relação ao fenômeno da violência do namoro; diminuir a legitimação da violência física, psicológica e sexual nas relações de namoro; e aumentar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas e não abusivas.”	Avaliação pré e pós teste com grupo controle Avaliação de impacto	- Diminuição de atitudes legitimadoras de violência - Follow up de 4 meses: Manutenção do impacto apenas para violência masculina e física e sexual perpetrada por mulheres. - No âmbito comportamental não houve impacto na diminuição de estratégias abusivas ou no aumento de estratégias positivas

Murta et al. 2016 (Brasil)	“Avaliar os efeitos da intervenção sobre intenções de enfrentamento à violência no namoro, dificuldades em regulação das emoções e endosso a normas tradicionais de papéis de gênero masculino.”	Avaliação pré e pós teste com grupo controle Avaliação de processo - Dose recebida e avaliação de satisfação	<ul style="list-style-type: none"> - Não houveram diferenças em categorias que desfavorecem a qualidade da relação - Aumento de assertividade - Redução de intenções de violência - Redução de restrição emocional - Alta satisfação dos participantes com o programa
Saavedra, Martins & Machado, 2013 (Portugal)	“Avaliar o impacto de um programa de prevenção da violência no namoro (o 4d – a tradução e adaptação portuguesa do The Fourth R) ao nível do seu conhecimento, atitudes, comportamentos e intenções de comportamento em contextos relacionais”	pré e pós teste com grupo controle avaliação de impacto	<ul style="list-style-type: none"> - Decréscimo na legitimação de violência física, psicológica e sexual - Não houve efeito no uso de comportamento abusivo para resolução de conflitos - Impacto no aumento do uso de estratégias positivas e não abusivas para os homens - Não houve impacto no conhecimento sobre relações saudáveis
Miller et al. 2012 e 2013 (EUA)	Examinar a efetividade do programa “Coaching Boys Into Men” em reconhecimento de comportamentos abusivos, atitudes igualitárias de gênero, intenção de intervir em caso presencie situações de violência por parte de atletas do sexo masculino. O artigo de 2013 avalia os resultados do follow up após 1 ano.	pré e pós teste com grupos randomizados	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento na intenção de intervir em casos de presenciar comportamento abusivo e nos comportamentos positivos de espectador (recriminar abuso, ajudar) - Aumento no reconhecimento de comportamentos abusivos - Não houveram diferenças significativas em atitudes de equidade de gênero e perpetração de VN - Follow up de 1 ano: diminuição de perpetração de VN em comparação ao grupo controle, diminuição em comportamentos negativos de espectador (rir do abuso, legitimar).
Jaime et al., 2016 (EUA)	Comparar as diferenças nos resultados dos participantes da prevenção à violência, especificamente no reconhecimento de comportamentos abusivos, atitudes sobre gênero e intenção de intervir, baseado na mudança do implementador	pré e pós teste com grupo controle definido randomicamente grupo focal sobre implementadores	<ul style="list-style-type: none"> - Efeitos da intervenção não variam significativamente de acordo com implementador. - Aumento no reconhecimento de comportamentos abusivos e nas atitudes pró equidade de gênero - Não houveram mudanças significativas na perpetração de abuso e no comportamento positivo de espectador
Rothman & Wang, 2016 (EUA)	Descrever o processo de desenvolvimento e testar a viabilidade e os efeitos de uma intervenção breve desenvolvida em um hospital para reduzir a perpetração de VN	Pré e pós teste com grupo controle	<ul style="list-style-type: none"> - 86% dos participantes se sentiram ajudados - Aumento na intenção de pedir ajuda para pares e médicos - Participantes demonstram mais habilidades de se manter calmos perto de um parceiro que está bebendo
Levesque, Johnson & Prochaska 2016	Acessar a eficácia do “Teen choices” um programa online que ajusta o conteúdo entregue individualmente,	pré e pós teste com grupo controle definido randomicamente	<ul style="list-style-type: none"> - Redução significativa da probabilidade de vitimização e perpetração de violência física e psicológica - Resultados de follow up indicam que quanto

(EUA)	com base no histórico de relacionamentos, VN e uso de habilidades saudáveis para se relacionar.		mais parceiros, maior o risco de vitimização
Taylor, Stein, Mumford & Woods, 2013 Taylor, Mumford & Stein, 2015 (EUA)	Analisar a efetividade de um programa aplicado nas salas de aula, em intervenções no prévio e a combinação dos dois tipos de intervenção em prevenir VN e assédio sexual	pré e pós teste com grupo controle definido randomicamente	<ul style="list-style-type: none"> - Não houve nenhum resultado significativo para a intervenção em sala de aula - Follow up de 6 meses: Efeitos contrários ao esperado, participantes do grupo experimental apresentam 107% de prevalência na vitimização de assédio sexual que o grupo controle, apesar de menor frequência - Não houve diferenças significativas na perpetração de assédio - redução da perpetração de violência sexual por pares - Redução na vitimização de violência física e sexual no namoro, mas sem resultados significativos na perpetração - Na perpetração e vitimização de assédio e violência sexual, não houveram diferenças entre aqueles que já tinham um histórico dessas violências ou não
Miller et al., 2015 (EUA)	Avaliar se o programa “Start Strong” aumenta habilidades saudáveis para relações e diminui atitudes e comportamentos relacionados a VN	pré teste e pós teste	<ul style="list-style-type: none"> - A curto prazo, efeitos positivos para comunicação entre pais e filhos, e satisfação e suporte nas relações de namoro. Decréscimo das atitudes de aceitação a VN - A longo prazo, persiste decréscimo das atitudes de aceitação a VN, outros constructos não tiveram diferenças entre grupos - Não houveram efeitos para perpetração e vitimização de VN
Foshee et al, 2012 (EUA)	Examinar os efeitos do programa “Families for Safe Dates” quanto ao engajamento das famílias na prevenção de VN e quanto aos fatores de risco e comportamentos relacionados a VN	pré e pós teste com grupo controle definido randomicamente	<ul style="list-style-type: none"> - Resultados significativos no engajamento das famílias na prevenção e no conhecimento sobre VN - Não houveram efeitos na percepção de consequências negativas da VN, nem nas habilidades dos pais de resolver conflitos com os adolescentes e colocar regras e monitorar as relações dos filhos - Redução na vitimização em VN
Alexander et al, 2014 (Caribe)	Investigar os efeitos do programa “Choose Respect” em aumentar o conhecimento e mudar atitudes e comportamentos relacionados a VN em jovens do Caribe.	pré teste e pós teste	<ul style="list-style-type: none"> - Não houveram resultados significantes em uma análise geral - Os estudantes de escolas mais bem avaliadas apresentaram atitudes mais saudáveis quanto ao controle, gerenciamento de conflitos e afetividade física.

Dentre os 14 artigos, 2 tiveram a intervenção desenvolvida no Brasil, 2 em Portugal, 9 nos Estados Unidos da América e 1 no Caribe, concentrando 71% das intervenções na América do Norte. O principal foco das intervenções foram os adolescentes, mas 57,1% dos artigos também contemplaram outros alvos, como professores e famílias. O programa “*Coaching Boys Into Men*” (Miller et al., 2013) forneceu treinamento aos técnicos esportivos, que seriam os implementadores da intervenção. O “*Families for Safe Dates*” (Foshee et al., 2012) foi desenvolvido para atuação conjunta entre famílias e adolescentes. O programa “*Teen Choices*” enviou material informativo sobre VN para familiares e a equipe escolar. A intervenção de Saavedra e Machado (2012) incluiu a confecção de cartazes de prevenção à VN para serem dispostos na escola, assim como o programa “*Shifting Boundaries*”, que também promoveu o mapeamento de áreas de risco no campus como estratégias de intervenção.

A escola foi o local de recrutamento e aplicação das intervenções em 85,7% dos artigos. Dentre estes, 50% foram desenvolvidas com alunos do ensino médio, 42% com alunos do ensino fundamental e um estudo (Jaime et al., 2016) teve participantes do 7º ano até o ensino médio. Os outros 14,3% contemplaram o programa “*Real Talk*” que foi realizado em um hospital com jovens de 15 a 19 anos, e o programa “*Families for Safe Dates*”, cujas atividades deveriam ser desenvolvidas em casa, foi voltado para famílias que tivessem pelo menos um filho adolescente com idade entre 13 e 15 anos. Quanto ao número de participantes, 21,4% contaram com menos de 100 indivíduos; 14,4% tiveram entre 100 e 200 participantes; 21,4% entre 300 e 500; 21,4% entre 1000 e 2000; e outros 21,4% contaram com mais de 2000 participantes.

Em relação ao formato das intervenções, 21,4% delas contavam com 3 a 5 sessões; 28,6% dispunham de 6 a 10 sessões e 21,4% eram compostas por 12 sessões. Ademais, um

estudo apresentou uma intervenção de sessão única (Rothman & Wang, 2016), outro contou com 28 sessões (Saavedra, Martins & Machado, 2013) e não foi especificado o número de encontros da iniciativa “*Start Strong*”. Cerca de 40% dos estudos também não especificou o tempo de duração de cada sessão. Dentre aqueles que trouxeram este dado 50% dispunham de 10 a 30 minutos, e os outros 50% entre 45 e 90 minutos.

Desconsiderando a única intervenção com sessão única, outros 6 artigos descreveram a frequência das sessões. Dentre eles, 50% ocorriam semanalmente, 33,3% com dois encontros na semana e 16,7% com uma sessão a cada duas semanas.

Os conteúdos abordados nas intervenções foram divididos em 8 categorias. A definição e a frequência de cada categoria está sumarizada na tabela 2.1.

Tabela 2.1 - Categorização, descrição e frequência dos conteúdos abordados nas intervenções.

Categoria	Descrição	Frequência
Informações sobre relações abusivas e saudáveis	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento de sinais de uma relação violenta - Tipos de violência possíveis em uma relação - Violência em meios virtuais - Reconhecimento de sinais de uma relação saudável 	100%
Intervenção com pares	<ul style="list-style-type: none"> - Como intervir quando pares são vítimas de violência - Como intervir quando pares são perpetradores de violência - Comportamentos negativos do espectador de um abuso - Comportamentos positivos do espectador de um abuso 	<i>Coaching Boys into Men; Shifting Boundaries</i> ; Miller et al., 2015 (42,9%)
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> - Ações e discussões que promovam equidade de gênero - Redução de crenças sexistas e homofóbicas 	Murta et al., 2013b; Saavedra & Machado, 2012; Murta et al., 2016; Saavedra, Martins & Machado, 2013;

	- Influência dos estereótipos de gênero no comportamento sexual	<i>Coaching Boys Into Men</i> (50%)
Estratégias de regulação emocional	- Habilidades sociais - Reconhecer e manejar emoções que possam gerar comportamentos violentos ou de controle com o parceiro - Solução de conflitos de maneira não violenta	Murta et al., 2013b; Murta et al., 2016; Levesque, Johnson & Prochaska, 2016; Miller et al., 2015; Alexander et al., 2014 (35,7%)
Estratégias de enfrentamento a violência e resolução de relações abusivas	- Reconhecer relações violentas como inadmissíveis - Autonomia e estabelecimento de limites no relacionamento - Como avaliar se a relação é saudável e deve continuar ou não - Como terminar relacionamentos abusivos - Como buscar ajuda	Murta et al., 2013b; Saavedra & Machado, 2012; Murta et al., 2016; Rothman & Wang, 2016; Levesque, Johnson & Prochaska, 2016; <i>Shifting Boundaries</i> ; Foshee et al., 2012; Alexander et al., 2014 (64,3%)
Enfrentamento a violência sexual	- Naturalização de comportamentos sexuais abusivos - Direitos sexuais e reprodutivos - Consentimento	Murta et al., 2013b; Saavedra & Machado, 2012; Murta et al., 2016; Saavedra, Martins & Machado, 2013; <i>Coaching Boys Into Men</i> ; Miller et al., 2015 (57,1%)
Intervenção junto a escola, família e comunidade	- Intervenções no ambiente escolar - Intervenções com a equipe escolar - Intervenções junto a família pais	Saavedra & Machado, 2012; <i>Coaching Boys Into Men</i> ; Levesque, Johnson & Prochaska, 2016; <i>Shifting Boundaries</i> ; Miller et al., 2015; Foshee et al., 2012 (64,3%)
Consequências para o perpetrador de violência	- Leis relacionadas a violência no namoro - Possibilidades de punição do agressor - Ordens de restrição válidas no ambiente escolar	<i>Shifting Boundaries</i> (14,3%)

As técnicas utilizadas para abordar esses conteúdos foram agrupadas em: (1) exposição de conteúdo informativo sobre VN (7,1%); (2) Conteúdo associado à atividades

lúdicas, como exposição de filmes, músicas, dramatizações, vivências e jogos (21,4%); (3) atividades lúdicas associadas à discussões em grupo, mediadas por um facilitador (21,4%); (4) discussões em grupo mediadas pelo facilitador (21,4%); (5) conteúdo expositivo e um facilitador disponível, mas não presente no momento da intervenção (14,3%); (6) Entrevista motivacional (7,1%) (Rothman & Wang, 2016). Um artigo não apresentou este dado (Miller et al., 2015).

Dois programas apresentaram intervenções que contavam com facilitador à distância: “*Families for Safe Dates*” e “*Teen choices*”. No primeiro, as famílias receberam material expositivo sobre VN para ser discutido e poderiam contactar por telefone um facilitador em caso de dúvidas. No programa “*Teen choices*” o facilitador à distância era representado pela mediação por computador.

No que se refere à metodologia, metade dos estudos seguiram delineamento experimental e a outra metade, delineamento quasi-experimental. Os trabalhos experimentais utilizaram estudo clínico randomizado controlado. Dos quasi-experimentais, 71,4% contavam com comparações entre grupo experimental e grupo controle. Todos os estudos contaram com medidas pré e pós teste dos participantes e análises quantitativas, e 28,6% também apresentaram dados qualitativos em sua composição.

Do total de artigos, 78,6% analisaram dados de *follow-up*. Destes, 27,3% realizaram o *follow up* em 3 meses ou menos; 36,4% coletaram entre 4 e 6 meses após a intervenção; e 18,2% após um ano. A iniciativa “*Start Strong*” coletou dados ao longo de dois anos, programa “*Teen Choices*” em dois momentos, passados seis meses e um ano da intervenção. Apesar de ser uma intervenção universal, o “*Teen Choices*” coletou dados de follow-up apenas dos participantes identificados com algum risco de serem vítimas ou perpetradores de VN. Apenas dois estudos (14,3%) apresentaram avaliação de necessidades. Murta et al.

(2013b), avaliou os interesses dos participantes, permitindo que estes sugerissem novos temas a serem incluídos na intervenção. Rothman & Wang (2016) realizaram entrevistas com funcionários chave do hospital para o atendimento de adolescentes e vítimas ou perpetradores de violência doméstica para avaliar se havia necessidade de uma intervenção sobre o tema VN no hospital e o que deveria ser abordado. Também foram consultados especialistas no assunto de VN do estado e da comunidade.

Quatro artigos (28,6%) apresentaram avaliação de processo. Dois trabalhos acessaram a dose recebida pelos participantes a partir do “Instrumento de Avaliação de Dose Recebida” (Murta et al. 2013b; Murta et al. 2016,). Estes mesmos estudos também verificaram atitudes do participante em relação à satisfação dos mesmos com a intervenção após cada sessão. Jaime et al. (2016) realizou um grupo focal com usuários da intervenção buscando avaliar qualitativamente se os resultados da intervenção são afetados a depender de quem conduz a intervenção. Rothman & Wang (2016) fizeram uma pesquisa qualitativa sobre a viabilidade da intervenção, a implementação e as atitudes dos participantes sobre a mesma.

Por fim, quase todos os estudos demonstram algum efeito positivo da intervenção, como pode ser observado na tabela 1. Contudo, a maioria destes efeitos se referem ao conhecimento, legitimação e atitudes dos participantes sobre VN, mas há pouco resultado no âmbito comportamental e na redução da vitimação e perpetração de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais. Entre aqueles que demonstraram resultados otimistas no que concerne ao comportamento dos participantes, Levesque, Johnson & Prochaska (2016) apontaram a probabilidade de decréscimo em perpetração e vitimização em VN, e Foshee et al. (2012) diminuição na vitimização.

Os participantes do programa *Shifting Boundaries* apresentaram efeito contrário ao esperado, tendo maior prevalência em vitimização de assédio sexual, se comparados ao grupo

controle. Os autores argumentam que o aumento é em prevalência, não em frequência, e que pode ter ocorrido pela própria intervenção facilitar que os alunos reportassem tais violências. Em contraponto, os resultados do programa e do follow-up também apontam redução na perpetração de violência sexual por pares, e na vitimização de violência física e sexual no namoro (Taylor et. al, 2013, Taylor, Mumford & Stein, 2014).

Discussão

Os resultados dessa pesquisa indicaram que a violência no namoro é um campo de estudos em expansão, pois o número de artigos recuperados é semelhante a revisões anteriores. Entretanto esse número é elevado se considerado em relação ao escopo desta revisão, que selecionou apenas programas de prevenção universal e que foram submetidos à avaliação. Entre as revisões anteriores que concernem o mesmo tema, Ting (2009) analisa 13 estudos; Koker et al. (2014) e Leen et al. (2013) inserem 8 artigos; e Murta et al.(2013a) 15 artigos. Contudo, a ciência da intervenção ainda é pouco explorada. O critério de avaliação da intervenção foi o que mais excluiu artigos, pois ainda são poucos os programas que passam por esse tipo de análise.

A maioria das intervenções ainda se concentra na América do Norte, em especial, nos Estados Unidos, assim como verificado em outras revisões de literatura (Murta et al., 2013a, Koker et al., 2014, Leen, 2013). Apesar do respaldo da Lei Maria da Penha (nº 11340/06) que visa coibir a violência contra a mulher, não há uma iniciativa nacional de prevenção a esse tipo de violência no Brasil. Esse dado alerta para a necessidade de pesquisa e desenvolvimento de intervenções preventivas propriamente avaliadas ou a adaptação cultural de programas já extensamente avaliados, como o *Safe Dates* (Foshee et al. 1996, 2004).

Chama atenção que poucas intervenções demonstram efeito significativo das IPVN no comportamento dos adolescentes e na redução de vitimização/perpetração de VN. Essa

questão já foi abordada em outras revisões (Koker, 2014; Leen, 2013; Rue, Polanin, Espelage & Pigott, 2014). As citadas revisões anteriores mencionam mudanças comportamentais nos adolescentes a depender da proposta pedagógica do programa e do envolvimento das organizações na proposta, além de indivíduos relevantes na vida do adolescente (por exemplo: escola, comunidade, pais, professores, pares).

Um dos poucos programas que apresentou efeitos positivos nesse âmbito, o *Shifting Boundaries*, também obteve resultados completamente opostos ao esperado, constatando aumento na vitimização de assédio sexual. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de que as intervenções tenham seus processos avaliados, sendo uma possibilidade para compreender as lacunas entre o que é desenvolvido e esperado e os resultados obtidos.

A avaliação de processo se propõe a abrir a caixa preta das intervenções, examinando não apenas *inputs* e resultados, mas as possíveis causas associadas a obtenção destes resultados. Além disso, avalia também a implementação, os mecanismos de impacto e os fatores contextuais da intervenção que influenciam as mudanças alcançadas (Moore et al., 2013; Salter & Kothari, 2016). Essa avaliação poderia trazer subsídios para discussão do porquê, mesmo sendo um dos principais objetivos de quase todas as IPVN, as intervenções não vem sendo eficazes na redução de vitimização e perpetração de VN e, como aquelas que obtiveram resultados positivos nessas variáveis alcançaram este efeito.

Apesar de haver poucas evidências de que as intervenções venham alterando o comportamento dos adolescentes e alterando padrões de perpetração e vitimização de violência, ainda há avanço em outros âmbitos. Procurar a ajuda de pares, profissionais ou familiares foi um conteúdo amplamente abordado entre as intervenções e com efeitos positivos. Um estudo realizado com 283 adolescentes do sul do Brasil revelou que apenas 5%

dos adolescentes solicitaram, caso se encontrassem em situação de violência, o que demonstra a importância desse tema (Soares, Lopes & Njaine, 2013).

Os conteúdos mais abordados também são congruentes com fatores de risco já identificados para VN: influência de pares, ajustamento psicológico e competências e atitudes em relação à violência. Ademais, comparado a outras revisões, reduziu-se o número de intervenções que abordaram o consumo de substâncias, especialmente o álcool, como fator de risco à VN (Leen et al. 2013).

Destaca-se também a presença de discussões sobre gênero em metade dos artigos. Estudos apontam crenças sexistas e representações rígidas sobre papéis de gênero, especialmente sobre masculinidade, como cerne da violência nos relacionamentos afetivos-sexuais (Cechetto et al., 2016; Leen et al., 2013; Koker et al., 2014). Esse achado contrasta com a revisão de Oliveira et al. (2016), que conclui que as iniciativas de prevenção à VN não analisam o fenômeno por uma perspectiva de gênero.

Outra lacuna apontada por revisão anterior é a falta de um recorte de geração, na qual a vivência familiar também seja levada em conta (Oliveira et al., 2016). A vitimização por violência parental e presenciar violência entre os pais é um fator de risco para vitimização/perpetração de VN ainda pouco abordado nas intervenções (Gil-González et al., 2008). A família também pode ser um espaço de legitimação para atitudes violentas e crenças sexistas do modo de se relacionar. É compreensível a dificuldade de abordar essa questão em intervenções universais, contudo, além do programa “*Families for Safe Dates*”, que tinha a família como foco de atuação, apenas outra intervenção (Levesque, Johnson & Prochaska, 2016) procurou alcançar os familiares, fornecendo informações sobre VN à família.

Duas intervenções não apresentaram resultados gerais significativos. O grupo que recebia apenas a intervenção em sala de aula do programa *Shifting Boundaries* e o estudo de

Alexander et al. (2014). No primeiro caso, é possível hipotetizar sobre o conteúdo exclusivamente informativo, que já foi apontado como não ser suficiente para a efetividade de uma intervenção (Koker et al., 2014). Além disso, o conteúdo pouco investe em gerar recursos para relacionamentos saudáveis, tendo parte de seu foco para informar sobre as possíveis punições legais que um perpetrador pode enfrentar. No caso de Alexander et al. (2014), além da curta duração da intervenção, o programa em questão fora desenvolvido nos Estados Unidos, mas estava sendo aplicado no Caribe, e possíveis questões de contexto e cultura podem ter afetado os resultados. Apesar disso, a intervenção foi efetiva em alguns pontos para os alunos de escolas melhor avaliadas academicamente.

De forma geral, os artigos em tela nesta revisão apresentam resultados promissores na redução de crenças sexistas, nas atitudes sobre violência e no desenvolvimento de competências para relacionamentos saudáveis. Também preenchem algumas lacunas apontadas por revisões anteriores, uma vez que a maioria dos estudos contam com medida de *follow up*, e metade deles com delineamentos experimentais. O avanço menos promissor nesse sentido foi o baixo número de intervenções que contassem com avaliações de necessidades ou de processo (Ting, 2009; Murta et al., 2013a).

Sugere-se para futuras IPVN em desenvolvimento a avaliação de necessidades junto ao público alvo e que a intervenção busque formas de se estender à família, escola, comunidade. Quanto ao conteúdo, incentiva-se a abordagem de gênero e o desenvolvimento de habilidades e competências que proporcionem relacionamentos saudáveis, além de que se utilizem variadas abordagens na transmissão deste conteúdo, que não só informativas. Para as publicações em avaliação de IPVN, recomenda-se a avaliação de processo para a maior elucidação de como as intervenções funcionam e seus mecanismos de impacto. Também

espera-se que essa avaliação promova avanços na redução de vitimização e perpetração de violência no namoro.

Referências

- Alexander, C. M., Hutchison, A. N., Clougher, K. M., Davis, H. A., Shepler, D. K., & Ambrose, Y. (2014). Adolescent dating violence: Application of a U.S. primary prevention program in St. Lucia. *Journal of Counseling and Development, 92*(4), 489–498. doi:10.1002/j.1556-6676.2014.00175.x
- Bartholomew, L. K., Parcel, G. S., Kok, G., Gottlieb, N. H., & Fernández, M. E. (2011). *Planning Health Promotion Programs: An Intervention Mapping Approach*. Third edition. San Francisco, CA: Jossey-Bass
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. De, & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva, 18*(1), 233–243. doi:10.1590/S1413-81232013000100024
- Carreiro, T. C. (2010). Adolescências e experimentações possíveis. In: M. Marra & L.F. Costa (Eds), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp 15-24). São Paulo: Ágora.
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. de S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. *Interface: Communication, Health, Education, 20*(59), 853–864. doi:10.1590/1807-57622015.0082.

- Cerqueira-Santos, E., Neto, O. C. M., & Koller, S. H. (2014). Adolescentes e adolescências. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S.H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp.17-29). Porto Alegre: Artmed.
- Craig, P., Dieppe, P., Macintyre, S., Michie, S., Nazareth, I., & Petticrew, M. (2008). Developing and evaluating complex interventions : the new Medical Research Council guidance, 1655(September), 1–6. <https://doi.org/10.1136/bmj.a1655>
- Fonseca, D. H. da, Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307–314. Retrieved from: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Ennett, S. T., Linder, G. F., Benefield, T., & Suchindran, C. (2004). Assessing the Long-Term Effects of the Safe Dates Program and a Booster in Preventing and Reducing Adolescent Dating Violence Victimization and Perpetration, 94(4), 619–624. Retrieved from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1448308/>
- Foshee, V. A., Linder, G. F., Bauman, K. E., Langwick, S. A., Arriaga, X. B., Heath, J. L., Bangdiwala, S. (1996). The Safe Dates Project: Theoretical basis, evaluation design, and selected baseline findings. *American Journal of Preventive Medicine*, 12(5, Suppl), 39-47. Retrieved from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8909623>
- Foshee, V. A., McNaughton Reyes, H. L., Ennett, S. T., Cance, J. D., Bauman, K. E., & Bowling, J. M. (2012). Assessing the effects of families for safe dates, a family-based teen dating abuse prevention program. *Journal of Adolescent Health*, 51(4), 349–356. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2011.12.029>
- Gil-González, D., Vives-Cases, C., Ruiz, M. T., Carrasco-Portiño, M., & Álvarez-Dardet, C. (2008). Childhood experiences of violence in perpetrators as a risk factor of intimate

partner violence: A systematic review. *Journal of Public Health*, 30(1), 14–22.

Retrieved from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17986717>

Gomes, R., Minayo, M.C. S., & Silva, C. F. R. (2005). Violência contra mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: Ministério da Saúde, impacto da violência na saúde dos brasileiros (pp. 117-140). Brasília: Ministério da Saúde.

Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 123–142. doi:10.1177/1524838003262332

Jaime, M. C. D., Stocking, M., Freire, K., Perkinson, L., Ciaravino, S., & Miller, E. (2016). Using a domestic and sexual violence prevention advocate to implement a dating violence prevention program with athletes. *Health Education Research*, 31(6), 679–696. doi: 10.1093/her/cyw045

Koker, P., Mathews, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. J. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health*, 54(1), 3–13. doi:10.1016/j.jadohealth.2013.08.008

Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B., & Bowen, E. (2013). Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. *Aggression and Violent Behavior*, 18(1), 159–174. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.11.015>

Levesque, D. A., Johnson, J. L., & Prochaska, J. M. (2017). Teen Choices, an Online Stage-Based Program for Healthy, Nonviolent Relationships: Development and Feasibility Trial. *Journal of School Violence*, 16(4), 376–385.
doi:10.1080/15388220.2016.1147964.

- Linnan L. & Steckler A. B. (2002). Process Evaluation for Public Health Interventions and Research. In L. Linnan & A. B. Steckler, *Process evaluation for public health interventions and research: an overview* (pp. 1- 24). San Francisco: Jossey-Bass
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C. D., Anderson, H. A., ... Silverman, J. G. (2012). “coaching boys into men”: A cluster-randomized controlled trial of a dating violence prevention program. *Journal of Adolescent Health, 51*(5), 431–438.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C. D., Anderson, H. A., ... Silverman, J. G. (2013). One-year follow-up of a coach-delivered dating violence prevention program: A cluster randomized controlled trial. *American Journal of Preventive Medicine, 45*(1), 108–112. doi:10.1016/j.amepre.2013.03.007.
- Miller, S., Williams, J., Cutbush, S., Gibbs, D., Clinton-Sherrod, M., & Jones, S. (2015). Evaluation of the Start Strong Initiative: Preventing Teen Dating Violence and Promoting Healthy Relationships among Middle School Students. *Journal of Adolescent Health, 56*(2), S14–S19. doi:10.1016/j.jadohealth.2014.11.003
- Moore, G., Audrey, S., Barker, M., Lyndal, B., Bonell, C., Hardeman, W., ... & Baird, J. (2013). Process evaluation of complex interventions. UK Medical Research Council (MRC) guidance. London: UK Medical Research Council
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & De Oliveira, B. (2013a). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos, 6*(2), 117–131. doi:http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.05
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. dos, Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um Programa de Prevenção à

- Violência no Namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381–393. doi:10.1590/1413-82712016210214.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F. de, Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. de O., & Franco, C. T. P. (2013b). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263–288. doi:10.1590/S0103-65642013000200005.
- Oliveira, R. N. G. De, Gessner, R., Brancaglioni, B. de C. A., Fonseca, R. M. G. S. da, & Egry, E. Y. (2016). A prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) na adolescência: uma revisão integrativa. *Revista Da Escola de Enfermagem Da U S P*, 50(1), 137–47. doi:10.1590/S0080-623420160000100018
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista Da Faculdade de Ciências Humanas E Sociais*, 6, 162–170. Retrieved from: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf
- Roscoe, B., & Callahan, J. E. (1985). Adolescents' self-report of violence in families and dating relations. *Adolescence*, 20(79), 545-553. Retrieved from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/4083117>
- Rothman, E. F., & Wang, N. (2016). A feasibility test of a brief motivational interview intervention to reduce dating abuse perpetration in a hospital setting. *Psychology of Violence*, 6(3), 433–441. doi:10.1037/vio0000050
- Rue, L. D. La, Polanin, J. R., Espelage, D. L., Pigott, T. D. (2014). School-based interventions to reduce dating and sexual violence. *Campbell Systematic Reviews* 2014: 7. doi: 10.4073/csr.2014.7

- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação. *Análise Psicológica*, 30(1–2), 109–130. Retrieved from:
http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3409/1/AP_30_109-130.pdf
- Saavedra, R., Martins, C., & Machado, C. (2013). Relacionamentos íntimos juvenis: programa para a prevenção da violência. *Psicologia*, XXVII(1), 115–132.
- Salter, K. L., & Kothari, A. (2014). Using realist evaluation to open the black box of knowledge translation: a state-of-the-art review. *Implementation Science*, 9(1), 115.
- Soares, J. dos S. F., Lopes, M. J. M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6), 1121–1130.
- Taylor, B. G., Mumford, E. A., & Stein, N. D. (2015). Effectiveness of “shifting boundaries” teen dating violence prevention program for subgroups of middle school students. *The Journal of Adolescent Health : Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 56(2), 20–26.
- Taylor, B. G., Stein, N. D., Mumford, E. A., & Woods, D. (2013). Shifting Boundaries: An Experimental Evaluation of a Dating Violence Prevention Program in Middle Schools. *Prevention Science*, 14(1), 64–76.
- Ting, S. M. R. (2009). Meta-Analysis on Dating Violence Prevention Among Middle and High Schools. *Journal of School Violence*, 8(4), 328–337.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Disponível em:
http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

Manuscrito 2 - O desenvolvimento de intervenções preventivas à violência no namoro em contexto brasileiro

Resumo

A violência nos relacionamentos íntimos pode ser manifestada de forma física, psicológica, material e sexual. Apesar da alta prevalência e das graves consequências, são escassas as iniciativas brasileiras que buscam prevenir a violência no namoro (VN). O presente trabalho teve por objetivo investigar pesquisadores que já tenham participado do desenvolvimento de uma intervenção em VN. A pesquisa busca compreender o processo de criação de uma intervenção de acordo com os passos da *Intervention Mapping Approach* (IMA) e explorar as barreiras e facilidades encontradas neste percurso. Quatro pesquisadores responderam a uma entrevista estruturada. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo e os resultados foram agrupados de acordo com os passos da *Intervention Mapping Approach*. A produção de programas preventivos à violência no namoro está majoritariamente concentrada nas universidades públicas. Observa-se que as intervenções brasileiras são desenvolvidas com forte respaldo da literatura e seguem um planejamento sistematizado, o que pode garantir a qualidade das mesmas e evitar iatrogenias. Percebe-se que os programas contam com poucos multiplicadores e recursos financeiros, o que reduz o alcance, a sustentabilidade e a difusão das mesmas.

Palavras-chave: Intervenção, Prevenção, Violência no Namoro, *Intervention Mapping Approach*

Abstract

Violence in intimate relationships may be manifested in a physical, psychological, and sexual material form. Despite the high prevalence and the serious consequences, there are few brazilian initiatives that seek to prevent dating violence (DV). The present study aimed to investigate researchers who have already participated in the development of an intervention in DV. The research seeks to understand the process of creating an intervention according to the steps of Intervention Mapping Approach (IMA) and explore the barriers and amenities found in this way. Four researchers responded to a structured interview. Data were analyzed through content analysis and the results have been grouped according to the steps of IMA. The production of programmes to prevent DV is mostly concentrated in the public universities. Probably, that's why brazilian interventions are developed with a strong endorsement of literature and follow a systematic planning, which can ensure quality and prevent iatrogenic effects. However, for the same reason, the programs have few financial resources and multipliers, which reduces the reach, sustainability and dissemination of the intervention.

Key words: intervention, prevention, violence in dating, Intervention Mapping Approach

A violência nos relacionamentos íntimos é um fenômeno multicultural e pode ser manifestada de forma física, psicológica, material e sexual (Diniz & Alves, 2015). A maior parte das vítimas desse tipo de violência são mulheres. São elas que sofrem as violências mais graves, como queimaduras e enforcamentos, assim como apresentam mais repercussões negativas em sua saúde mental (Rizzo et al., 2018). Um estudo da Organização Mundial de Saúde realizado em dez países estima que entre 15% e 71% das mulheres de áreas urbanas e rurais relatou ter sofrido alguma violência física ou sexual perpetrada por seu parceiro íntimo (Garcia-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise, & Watts, 2006).

O estudo de Makepeace (1981) deu início a pesquisa sobre a violência durante o período de cortejo nas relações. Roscoe e Callahan (1985) abordaram os relacionamentos violentos entre adolescentes, dando visibilidade à etapa de vida onde se desenvolvem os primeiros relacionamentos amorosos. Até a década de 80, os estudos que tratavam sobre a violência nos relacionamentos tinham como objeto de estudo relacionamentos estáveis, como matrimônio ou coabitação, entre adultos (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004).

Apesar da alta prevalência e das graves consequências, são escassas as iniciativas brasileiras que buscam prevenir a violência no namoro. Revisões de literatura recentes sobre as intervenções preventivas nesse campo encontram um escasso número de estudos (Murta, Santos, Martins & Oliveira, 2013a; Santos, Lordello & Giardini, no prelo). Foram localizados apenas dois artigos tratando de intervenções desenvolvidas no Brasil (Murta et al., 2013b e Murta et al., 2016). A maior parte dos estudos foi desenvolvido em contexto norte-americano, onde o combate a esse tipo de violência já se tornou política pública em alguns estados (Murta et al., 2013a; Santos, Lordello & Giardini, no prelo).

Sem a devida atenção psicossocial, a violência no namoro é um importante fator preditivo da violência doméstica (Jouriles, Choi, Rancher, & Temple, 2017; Oliveira & Sani,

2009). A Lei Maria da Penha (Lei nº11.340/2006) que se propõe a coibir a violência doméstica, implica também a demanda de prevenção deste tipo de violência. Observa-se nas políticas públicas a negligência com tal demanda, uma vez que essas são voltadas ao atendimento de vítimas e autores após a denúncia.

A abordagem de mapeamento de intervenções (AMI) originalmente nomeada como Intervention Mapping Approach se propõe a auxiliar o planejamento de cada passo do desenvolvimento de uma intervenção em saúde (Bartholomew, Parcel, Kok, Gottlieb & Fernández, 2011). De acordo com Murta e Santos (2015) as intervenções para prevenção e promoção em saúde podem ser definidas como:

Práticas, programas, políticas ou diretrizes, compostas por método único ou combinação de estratégias, dirigidas a indivíduos, organizações, comunidades, sistemas ou regiões, com vistas a gerar mudanças em desfechos relacionados à saúde, reduzir fatores de risco e vulnerabilidades e maximizar fatores de proteção, comportamentos de saúde e bem-estar. (p. 168)

A AMI é caracterizada por três pressupostos: a abordagem ecológica social, a participação de todos os stakeholders, e o uso de teorias e evidências como base dos métodos e materiais utilizados na intervenção (Kok, Peters & Ruiters, 2017). A abordagem ecológica parte do pressuposto de que uma intervenção é um evento no sistema, e que esse sistema pode reforçar ou diminuir os efeitos da mesma. O sistema é um conjunto de atores, contextos e atividades que podem ter influência ou serem influenciados pelo problema que move a intervenção. Sendo assim, nem todas as condições ambientais necessárias para que uma mudança aconteça estão sob controle do indivíduo, mas podem estar nos níveis interpessoal, organizacional, comunitário e societário. Para determinar o alvo de mudança de uma intervenção, os determinantes em todos esses níveis devem ser considerados (Bartholomew et

al., 2011; Kok, Gottlieb, Panne & Smerecnik, 2012). É importante compreender que esses níveis são mutuamente afetados uns pelos outros. Uma intervenção pode ser voltada para um indivíduo e afetar uma organização, ou uma política voltada para a sociedade pode gerar mudança de comportamento em vários indivíduos (Bartholomew et al. 2011).

Stakeholders são todas as partes interessadas na intervenção, sejam elas diretamente ou indiretamente afetadas pela intervenção. A participação de todos os stakeholders está intimamente ligada a abordagem ecológica, e implica incluir atores das organizações, comunidade e possíveis participantes no desenvolvimento de uma intervenção. Isso proporciona uma variedade de habilidades, expertises e conhecimentos sobre os determinantes de vários níveis ecológicos. Também garante que os objetivos do programa reflitam, de fato, as preocupações e necessidades da comunidade, aumentando a probabilidade de que ele seja adotado pela mesma (Kok, Peters & Ruiter, 2017).

Além do conhecimento comunitário, a AMI encoraja o uso de múltiplas teorias que possam ser ligadas aos elementos relevantes de uma intervenção (Kok, 2014). Moore et al. (2013) assumem que todas as intervenções tem uma teoria “encarnada”, pois todas partem do pressuposto de quais causas geram o problema em foco e quais ações teriam efeitos nessas causas. Um dos passos da AMI consiste em selecionar métodos e técnicas com evidências que comprovem mudanças em um certo determinante comportamental ou agente ambiental. Não se trata de integrar várias teorias na tentativa de conceituar um framework que dê suporte ao programa como um todo, mas de buscar a teoria baseada em evidências que melhor atenda cada um dos objetivos de mudança para as quais a intervenção se propôs (Bartholomew et al., 2011).

O processo de desenvolvimento de intervenção pode ser dividido em seis passos, cada um com uma lista de tarefas a serem desenvolvidas em cada fase: (1) avaliação de

necessidades; (2) matrizes de objetivo de mudanças; (3) seleção de métodos baseados em teoria; (4) desenvolvimento do programa da intervenção; (5) adoção, implementação e sustentabilidade do programa e (6) plano de avaliação da intervenção. Os passos são interdependentes, uma vez que a conclusão de uma etapa gera insumos necessários para a construção do passo seguinte. O conjunto das seis etapas forma um mapa para o desenho, implementação e avaliação da intervenção (Bartholomew et al., 2011; Kok, 2014).

O primeiro passo para o planejamento de uma intervenção abrange a constituição de um grupo de desenvolvedores composto pela participação de diversos atores (Kok, Peters & Ruiters, 2017). A avaliação de necessidades consiste no levantamento dos determinantes ligados ao problema alvo de intervenção, sua prevalência na comunidade, identificação de comportamentos, fatores ambientais e psicossociais que tenham impacto no problema. Também é necessário conhecer o contexto em que a intervenção será desenvolvida. Esse levantamento pode ser feito quantitativamente ou qualitativamente, levando em consideração os dados obtidos pela literatura, pelos especialistas naquele tema, pela comunidade onde o programa será desenvolvido e pelos indivíduos diretamente afetados pela questão de saúde em tela. O resultado dessa avaliação fornece insumos para a definição dos objetivos da intervenção (Schaafsma, Stoffelen, Kok, & Curfs, 2012).

Tendo os objetivos da intervenção em mente, o segundo passo consiste em examinar os comportamentos e condições ambientais levantados na etapa anterior configurando-os como objetivos de mudança (Bartholomew et al., 2011). Seguindo o exemplo da violência no namoro, sofrer violência doméstica perpetrada pelos pais é um fator de risco. Esse fator pode ser expresso em comportamentos dos pais, como gritar com os filhos ou dar tapas. Esses comportamentos tomados como um objetivo de mudança podem ser trabalhados no nível individual, provendo os genitores com conhecimento de outras práticas parentais não

violentas. O nível da sociedade pode atuar sobre os agentes ambientais envolvidos, nesse caso, a representação social de que os pais tem propriedade de seus filhos. Estabelecendo leis que visam coibir o uso de castigos físicos e humilhantes em crianças e adolescentes, reduz-se a ocorrência desses comportamentos. Ao fim do segundo passo, os determinantes devem estar ligados aos respectivos comportamentos específicos que serão alvo de transformações, criando um modelo lógico de mudança (Kok, 2014; Kok, Peters & Ruiter, 2017).

Definidos os comportamentos e agentes ambientais que serão alvos da intervenção, o terceiro passo consiste em identificar na teoria métodos que possam influenciar efetivamente na mudança destes alvos. As teorias e abordagens são escolhidas a partir da literatura e das evidências de que atuam na redução do problema em tela. É possível fazer uso de múltiplas teorias que atuem em níveis sociais e psicológicos. Nessa etapa, os temas e conteúdos que serão abordados na intervenção são definidos e sequenciados. Também se busca a aplicação prática de teorias em forma de atividades do programa. (Kok, 2014; Kok, Peters & Ruiter, 2017).

O quarto passo abrange a estruturação do programa de intervenção e a produção criativa de suas sessões. Nesse momento, se dá o desenvolvimento de materiais (como cartilhas, jogos, cartazes) e protocolos de aplicação. É planejada a organização da estrutura do programa (ex. número de sessões, duração dos encontros, frequência) e os canais de entrega (ex. online, grupos presenciais). Após a estruturação de todo o programa, consulta-se o público alvo sobre a atratividade do mesmo. Nessa etapa também cabe a pré-testagem dos materiais e das atividades da intervenção com finalidade de refinar os mesmos e garantir sua viabilidade na prática.

O quinto passo consiste em planejar a adoção, implementação e sustentabilidade da intervenção (Bartholomew et al, 2011). A adoção diz respeito à representatividade das

instituições que aceitam oferecer um programa (Finlayson et al, 2014). No caso de um programa em prevenção à violência no namoro, ele pode ser adotado por uma escola, uma universidade, ou um centro de saúde, por exemplo. A implementação trata do processo como a intervenção é entregue e se o que chega ao usuário é fiel ao que foi planejado (Moore et al., 2013). A sustentabilidade trata tanto da estrutura necessária para que esse programa seja integrado como um serviço que será oferecido ao longo do tempo, quanto da manutenção das mudanças comportamentais dos participantes no tempo após a intervenção (Finlayson et al, 2014). A quinta etapa tem como tarefas: identificar potenciais adotantes e implementadores da intervenção; estabelecer os resultados esperados e os objetivos de performance da intervenção; realizar possíveis alterações no desenho da intervenção a fim de que ela se adeque da melhor forma possível e seja atraente à instituição que irá entregá-la e ao público alvo (Kok, 2014). Esse passo não é exclusivo do desenvolvimento de programas, e pode ser usado para adaptar e planejar o uso de uma intervenção já existente em um novo contexto (Bartholomew et al., 2011)

O sexto passo consiste em elaborar um plano de avaliação para o programa. A avaliação de resultado é fundamental para entender se a intervenção produziu os resultados esperados. A avaliação de processo é útil para elucidar através de quais mecanismos esses resultados foram alcançados. As avaliações podem também identificar e evitar iatrogenias. Além disso, favorecem a implementação de um mesmo programa em diversos contextos, garantindo que seus elementos principais e resultados sejam mantidos (Moore et al., 2013; Murta et al, 2016). Esse passo permeia todo o processo de desenvolvimento de um programa, pois ao se pensar nos objetivos de uma intervenção é necessário construir metas mensuráveis para se medir a efetividade do programa ao final da entrega. As atividades esperadas para

esse passo são desenvolver indicadores e medidas e planejar a avaliação de processo e de resultados (Kok, 2014).

O presente artigo é a segunda etapa de um estudo sobre avaliação de necessidades para o desenvolvimento de intervenções preventivas à violência no namoro. Na primeira etapa, foi realizada uma revisão sistemática da produção científica dos últimos 5 anos sobre as intervenções primárias em prevenção à violência no namoro e como estas foram avaliadas (Santos, Lordello & Giardini, no prelo). A terceira etapa buscará consultar o público alvo sobre suas demandas quanto a esse tipo de intervenção por meio de um grupo focal.

Esse trabalho tem por objetivo investigar entre pesquisadores que já tenham participado do desenvolvimento de uma intervenção em violência no namoro, os principais elementos que compuseram intervenções. A pesquisa busca compreender o processo de criação de uma intervenção de acordo com os passos da Intervention Mapping Approach e explorou as barreiras e facilidades encontradas neste percurso.

Método

Participantes

Ao todo, participaram 4 pesquisadores brasileiros que foram recrutados pelo método bola de neve, devido à especificidade desta amostragem (Vinuto, 2016). O critério para seleção dos participantes foi o trabalho ativo e recente no desenvolvimento ou entrega de intervenções em interface com a prevenção à violência no namoro.

Instrumento

Foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada. As perguntas foram baseadas na AMI e na pesquisa de Schaafsma, Stoffelen, Kok e Curfs (2013). Uma pesquisadora foi consultada para a pré-testagem do instrumento. Esta etapa visa garantir que os itens estivessem claros e estimar o tempo necessário para resposta do questionário. As questões

foram adaptadas para maior compreensão de pesquisadores que não fossem familiares com a abordagem em tela, como pode ser consultado na tabela 1.2. O roteiro foi organizado em um formulário eletrônico de coleta de respostas, a fim de alcançar experiências desenvolvidas em diversas localidades do país. As questões de foram respondidas pelos entrevistados por escrito.

Tabela 1.2 - Questões da forma como constaram no instrumento

Passo 1: Avaliação de necessidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. Membros do público-alvo foram incluídos no desenvolvimento da intervenção? 2. Quais foram os objetivos da intervenção e quais fatores levaram à definição destes objetivos? 3. Como foi selecionado o público alvo?
Passo 2: Objetivos de mudança	<ol style="list-style-type: none"> 4. Que comportamentos ou crenças precisavam ser mudados para atingir o objetivo da intervenção?
Passo 3: Definição de métodos e teorias	<ol style="list-style-type: none"> 5. Quais teorias e metodologias foram selecionadas como base da intervenção e por quê?
Passo 4: Desenho e desenvolvimento do programa	<ol style="list-style-type: none"> 6. Quais estratégias foram usadas para atrair o público-alvo a participar da intervenção? (ex.: cartazes, divulgação online) 7. Houve treinamento de alguma equipe para entregar ou conduzir a intervenção? 8. Houve pré-testagem ou estudo piloto da intervenção? Como?
Passo 5: Uso do programa, adoção, implementação e sustentabilidade	<ol style="list-style-type: none"> 9. Quais adaptações foram necessárias para que a intervenção se adequasse ao público alvo? (ex.: duração, linguagem acessível) 10. Quantas participantes essa intervenção alcançou?

	<p>11. Quais barreiras foram observadas no desenvolvimento e na implementação da intervenção?</p> <p>12. Na sua opinião, o que ainda necessita ser elaborado (ex. pesquisas, políticas públicas) para facilitar o processo de desenvolvimento de intervenções?</p> <p>13. O que seria necessário (ex. recursos, divulgação) para que a intervenção seja difundida?</p>
<p>Passo 6: Impacto do programa</p>	<p>14. Quais os resultados que a intervenção pretendia alcançar? Eles foram atingidos?</p> <p>15. O programa foi avaliado? Como?</p>

Além do roteiro de entrevista, também foi coletada uma breve descrição e histórico de cada intervenção.

Procedimentos

Os participantes foram convidados a responder a entrevista via e-mail. O convite continha o objetivo da pesquisa, o tempo aproximado necessário para responder a entrevista, a garantia de sigilo dos dados, e o link do formulário eletrônico contendo o roteiro de perguntas. Também foi solicitado aos respondentes que, se possível, indicassem outro(s) pesquisador(es) da área em tela que fossem possíveis respondentes. A pesquisadora responsável também se colocou disponível para responder quaisquer dúvidas pelo contato eletrônico pelo qual o convite foi enviado.

Análise de dados

Os dados foram analisados qualitativamente através da análise de conteúdo (Minayo, 2001). Após examinar as predominâncias e tendências dos discursos, os resultados foram agrupados de acordo com os passos da Intervention Mapping Approach.

Resultados

Foram levantadas 4 iniciativas com atuação ou intersecção à violência no namoro em 4 estados brasileiros: um programa de 10 sessões sobre o desenvolvimento durante a adolescência, que abrangia relacionamentos amorosos, violência e sexualidade; uma pesquisa-ação que realizou 3 grupos focais discutindo assuntos como sexualidade, sinais de violência no namoro, questões de gênero e resolução de conflitos sem uso da violência; um programa de habilidades sociais, que visava ampliar as mesmas, além de autoeficácia e autopercepção, e abrangia o tema de violência no namoro em uma das sessões; e uma psicóloga responsável pelo atendimento psicoterapêutico de vítimas de violência no namoro encaminhadas pela rede de assistência social.

Avaliação de necessidades

Apesar de apenas um dos participantes ter relatado explicitamente o planejamento de uma etapa de avaliação de necessidades, observa-se na definição de objetivos das demais intervenções que alguns levantamentos foram consultados, especialmente a literatura científica. A inclusão de membros do público-alvo foi uma fonte de levantamento percebida como relevante pelos pesquisadores, e esses foram incluídos em duas das quatro iniciativas em tela. O público mais frequente selecionado para receber essas intervenções são os alunos de ensino médio, localizados por conveniência. No caso da psicoterapia, os casos eram encaminhados pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) local.

Objetivos de mudança

De forma geral, os programas visavam diminuir fatores de risco ou aumentar fatores de proteção relacionados à VN, como habilidades sociais. Dentre os comportamentos alvo de mudança, é possível destacar a resolução violenta de conflitos e o consumo de álcool. O foco mais frequente entre as intervenções foi a alteração de crenças rígidas relacionadas aos papéis de gênero e a violência. Exemplos dessas crenças são: a ideia de posse do parceiro nas relações, de que as vítimas escolheram estar na situação de violência, de que os agressores estão legitimados em seus atos a depender de algum comportamento do parceiro.

Definição de métodos e teorias

As teorias e técnicas cognitivo-comportamentais predominam em todas as intervenções. Os programas também contam com psicoeducação, técnicas de manejo grupal e uso das teorias bioecológica e de habilidades sociais.

Desenho e desenvolvimento do programa

Nos delineamentos investigados, recrutamento dos participantes se deu por parcerias institucionais, incluindo escolas, ONGs, e CREAS. Com exceção do encaminhamento para psicoterapia, tanto as instituições quanto os participantes receberam convites presenciais e tiveram oportunidade de esclarecer dúvidas relativas ao programa com a equipe. Também excluindo o caso da psicoterapia, os outros programas em tela contaram com algum tipo de alinhamento da equipe ou capacitação sobre VN ou outros temas afins. Apenas um projeto contou com a pré-testagem dos materiais e teste piloto da intervenção.

Uso do programa, adoção, implementação e sustentabilidade

Adequar ao público adolescente foi a principal adaptação mencionada pelos desenvolvedores das intervenções. Tais mudanças se deram quanto à duração e a frequência

das sessões; quanto a linguagem utilizada e quanto a forma de entregar o conteúdo, mais dialógica e lúdica.

A principal barreira para o desenvolvimento das intervenções foi a relação com as instituições, como abertura para implementar projetos, expectativas da instituição incoerentes com os objetivos do programa e reprodução de estereótipos e crenças negativas ligados a VN por parte de funcionários que atuavam com os participantes em outros momentos. No caso da psicoterapia, as barreiras identificadas foram o engajamento e comprometimento dos pacientes.

O número de sessões variou entre 3 e 10 encontros. O alcance das intervenções abrangeu entre 15 e 80 adolescentes. Para os participantes, a falta de multiplicadores capacitados foi a principal barreira para a difusão das intervenções.

Impacto do programa

Os resultados das intervenções em tela foram positivos, de modo geral. Todos os programas contaram com algum tipo de testagem de resultados, avaliados por meio de medidas de pré-teste e pós-teste e *randomized controlled trial* (RCT). Escalas também foram utilizadas como estratégia de coleta dos resultados. Os participantes também foram incluídos na avaliação, por *feedbacks* e avaliação de satisfação. Uma única intervenção adotou a avaliação de processo, através do registro de comportamentos em um protocolo durante todas as sessões.

Discussão

Os resultados em tela demonstraram que as intervenções, de forma geral, realizaram a etapa levantamento de necessidades, consultando principalmente a literatura. Embora seja um recurso muito legítimo, isso pode representar uma limitação sobre a perspectiva ecológica que pressupõe maior diversidade de sistemas. Alguns passos da AMI foram descritos mais

detalhadamente pelos desenvolvedores, como a avaliação de necessidades e do impacto do programa. A seleção de métodos e teorias baseados em evidência mostrou-se compatível com a ideia de integração de teorias no intuito de enriquecer a intervenção.

No que tange às barreiras, foram identificadas questões institucionais que merecem, na visão dos desenvolvedores, bastante investimento, pois há risco dos resultados serem prejudicados em virtude de aspectos como despreparo e descrença dos profissionais das instituições e credibilidade nos projetos. Essa barreira compromete a visão ecológica preconizada pela AMI. Neste caso, recomenda-se que a instituição deva ser encarada como público alvo, além dos adolescentes, tentando minimizar seu impacto negativo no sistema. A avaliação de processo só foi citada em um programa, assim como o teste piloto e pré-testagem dos materiais. Contudo, a análise sobre as intervenções brasileiras apresentadas neste artigo demonstra ou sugere uma preocupação com a sistematização no delineamento uma vez que apresentam complexidade de planejamento dos materiais e sessões; comprometimento com a diminuição de fatores de risco e ampliação de fatores de proteção; e instrumentos e metodologias de avaliação semelhantes aos programas internacionais.

Observou-se nas intervenções propostas a preferência pela prevenção universal, ou seja, aquela que não tem critérios de seleção de participantes e pode ser mais generalista (Murta et al., 2013a). Esse fato sugere um pioneirismo nas iniciativas que ainda se justifica pela prevenção em larga escala, sem o fator de risco necessariamente presente. Não foram localizadas intervenções de prevenção seletiva, aquela direcionada a grupos que não necessariamente estavam envolvidos em dinâmicas violentas, mas apresentam fatores de risco para se engajarem nas ditas dinâmicas, como por exemplo crianças e adolescentes advindos de contextos familiares violentos (Murta et al, 2013a).

O caso de prevenção indicada contemplado nesta pesquisa, apesar de ser entregue na forma de psicoterapia individual evidencia uma potencialidade de articulação desses serviços, no sentido de se integrarem ao fluxo de atendimento das vítimas e receberem encaminhamentos, como no referenciado caso, ao invés de buscarem espaço nas instituições. Entretanto, a prevenção indicada, que se volta aqueles que já vivenciaram violências em suas relações buscando evitar a continuidade desses modelos em futuros relacionamentos, se confunde com o trabalho de outros serviços já estabelecidos pela rede de atendimento psicossocial, como o Centro de Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), Núcleo de Atendimento às Família e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD), e Casa da Mulher Brasileira (CMB).

O maior déficit encontrado no alcance das intervenções foi na adoção, sustentabilidade e difusão das mesmas. As iniciativas em violência no namoro, assim como a maior parte de produção de conhecimento brasileira, ocorrem na pós-graduação *strictu senso* e está majoritariamente concentrada nas universidades públicas (Oliveira, 2015).

Provavelmente por isso, observa-se que as intervenções brasileiras são desenvolvidas com forte respaldo da literatura e planejamento, o que pode garantir a qualidade das mesmas e evitar iatrogenias. Contudo, pelo mesmo motivo de surgirem nas universidades, percebe-se que os programas contam com poucos recursos financeiros e multiplicadores, o que reduz o alcance, a sustentabilidade e a difusão das mesmas. Muitas vezes os programas ocorrem por um curto período de tempo, com fins de pesquisa e uma equipe reduzida, o que limita o número de participantes que podem ser atendidos.

É possível comparar algumas diferenças entre o contexto brasileiro e estadunidense, onde é concentrada a maior produção de intervenções em VN de acordo com recentes revisões de literatura (Murta et al., 2013a; Koker et al., 2014; Leen, 2013; Santos, Lordello &

Giardini, no prelo). A prevenção de VN em escolas já se tornou política pública em alguns estados americanos, o que justifica a maior demanda para o desenvolvimento de intervenções com esse fim. Também há o investimento no desenvolvimento de modelos de política nesse tema, como por exemplo o modelo criado pelo departamento de educação do estado da Pensilvânia que pode ser consultado em: <https://www.education.pa.gov/Documents/K-12/Safe%20Schools/Model%20Dating%20Violence%20Policy.pdf>.

Quanto ao investimento em educação e pesquisa, também observam-se diferenças significativas entre os dois países. Em 2008, mesmo em meio a uma crise econômica, os Estados Unidos investiram 2,79% do PIB em educação, comparado à 1,19% do PIB brasileiro que foi investido no mesmo fim (Oliveira, 2015). Em 2019, as agências de fomento de pesquisa brasileiro enfrentam dificuldades orçamentárias e de priorização do conhecimento científico, comprometendo as bolsas de pós-graduação e demais subsídios para pesquisa. O financiamento é fundamental para a ampliação das equipes de desenvolvedores e multiplicadores e a confecção de materiais, possibilitando assim a difusão e sustentabilidade das intervenções. (Oliveira, 2015).

Diante desse cenário, é necessário o reconhecimento e valorização das tecnologias sociais, que compreendem metodologias, técnicas e produtos replicáveis, desenvolvidos em conjunto com a comunidade e que se apresentam como soluções que podem gerar transformação social (Rodrigues & Barbieri, 2008). Além do potencial de reduzir custos gerados pelos agravos dos problemas sociais sobre os quais atuam, elas ampliam a potencialidade de saúde e bem-estar entregue a população, fazendo jus à articulação entre ensino, pesquisa e extensão e retornando o investimento da universidade pública diretamente à população. Cabe ao pesquisador de ciências sociais reconhecer o caráter político de seu

trabalho e o desafio de subverter a lógica capitalista para que o resultado de seu trabalho ultrapasse os repositórios e muros das universidades.

Ao mesmo tempo, observa-se nas pesquisas o comprometimento com o novo paradigma de pesquisa que busca o retorno da qualidade da produção científica e o impacto positivo para a população (Trentin, Rocha & Silva, 2018). Apesar das barreiras de alcance e difusão, o processo de desenvolvimento das intervenções brasileiras caracteriza-se pelo respaldo científico que permeia o planejamento, adaptação e a avaliação dos programas, de forma que é possível afirmar que tais limitações tem relação com fatores macro-estruturais e externos, não com a qualidade das intervenções.

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa consistiu no levantamento de dados sobre o procedimento de desenvolver uma intervenção em contexto brasileiro. Acredita-se que as experiências dos pesquisadores podem poupar tempo e recursos de novos interessados em realizar este tipo de iniciativa demonstrando os caminhos mais efetivos a serem seguidos. Espera-se também que o estudo de avaliação de necessidades possa servir como um ponto de partida para novos programas de prevenção à violência no namoro, fornecendo os dados necessários para que os desenvolvedores possam conhecer de forma sistematizada as demandas que a literatura, os especialistas e os adolescentes trazem sobre essa questão. Além disso, busca-se com esse artigo divulgar a abordagem de mapeamento de intervenções como uma ferramenta de planejamento de intervenções de qualidade.

Referências

- Bartholomew, L. K., Parcel, G. S., Kok, G., Gottlieb, N. H., & Fernández, M. E. (2011). *Planning Health Promotion Programs: An Intervention Mapping Approach*. Third edition. San Francisco: Jossey-Bass.
- Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. (2015). Gênero e violência no namoro. In: S. G. Murta, J. S. N. F Bucher-Maluschke, & G. R. S. Diniz (Orgs.). *Violência no namoro: Estudos, prevenções e psicoterapia* (pp 19-42). Curitiba: Appris
- Finlayson, M., Cattaneo, D., Cameron, M., Coote, S., Matsuda, P. N., Peterson, E., & Sosnoff, J. J. (2014). Applying the RE-AIM framework to inform the development of a multiple sclerosis falls-prevention intervention. *International Journal of MS Care*, 16(4), 192–197. <https://doi.org/10.7224/1537-2073.2014-055>
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. H. (2006). Prevalence of intimate partner violence: Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Lancet*, 368, 1260-1269.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 123–142. doi:10.1177/1524838003262332
- Jouriles, E. N., Choi, H. J., Rancher, C., & Temple, J. R. (2017). Teen dating violence: victimization, trauma symptoms, and revictimization in early adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 61(1), 115–119. doi:10.1016/j.jadohealth.2017.01.020
- Kok, G. (2014). A practical guide to effective behavior change: how to apply theory- and

- evidence-based behavior change methods in an intervention. *The European Health Psychologist*, 16(5), 156-170.
- Kok, G., Gottlieb, N. H., Panne, R., & Smerecnik, C. (2012). Methods for environmental change: an exploratory study. *BMC Public Health*, 12, 1037.
- Kok, G., Peters, L. W. H., & Ruiter, R. A. C. (2017). Planning theory- and evidence-based behavior change interventions : a conceptual review of the intervention mapping protocol. <https://doi.org/10.1186/s41155-017-0072-x>
- Makepeace, J.M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102. doi:10.2307/584242
- Minayo, M. C. S. (org.). (2001). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes
- Moore, G., Audrey, S., Barker, M., Lyndal, B., Bonell, C., Hardeman, W., ... & Baird, J. (2013). *Process evaluation of complex interventions*. UK Medical Research Council (MRC) guidance. London: UK Medical Research Council
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. dos, Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381–393. doi:10.1590/1413-82712016210214.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & De Oliveira, B. (2013a). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117–131. doi:<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.05>
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F. de, Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. de O., & Franco, C. T. P. (2013b). Prevenção à violência no namoro e promoção de

habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263–288.

doi:10.1590/S0103-65642013000200005.

Murta, S. G. & Santos, K. B. (2015). Desenvolvimento de programas preventivos e de promoção de saúde mental. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (Eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (pp. 168-191). Novo Hamburgo: Sinopsys.

Oliveira, J. F. (2015). A Pós-Graduação e a pesquisa no Brasil : processos de regulação e de reconfiguração da formação e da produção do trabalho acadêmico. *Práxis Educativa*, 10 (2), 343–363. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.10i2.0004>

Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista Da Faculdade de Ciências Humanas E Sociais*, 6, 162–170.

Retrieved from:

https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf

Rizzo, C. J., Joppa, M., Barker, D., Collibee, C., Zlotnick, C., & Brown, L. K. (2018). Project Date SMART : a Dating Violence (DV) and Sexual Risk Prevention Program for Adolescent Girls with Prior DV Exposure, 416–426.

Rodrigues, I., & Barbieri, J. C. (2008). A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável.

Revista de Administração Pública, 42(6), 1069-1094.

<https://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122008000600003>

Roscoe, B., & Callahan, J. E. (1985). Adolescents' self-report of violence in families and dating relations. *Adolescence*, 20(79), 545-553. Retrieved from:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/4083117>

Santos, T. M., Lordello, S. R. M., & Murta, S. G. (no prelo). *Avaliação de intervenções de prevenção à violência no namoro: uma revisão sistemática.*

Schaafsma, D., Stoffelen, J. M. T., Kok, G., & Curfs, L. M. G. (2013). Exploring the development of existing sex education programmes for people with intellectual disabilities: An intervention mapping approach. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities: JARID*, 26(2), 157–166. doi:10.1111/jar.12017

Trentin, C.E. P., Rocha, I. L., & Martins, M. (2018). O avanço da pesquisa científica e qualificação dos cientistas brasileiros, *Multi-Science Journal*, 11(10), 1-3.

Vinuto J. (2014) A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, (44), 203-220. Recuperado em

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637>

Manuscrito 3 - A percepção de adolescentes sobre violência nos relacionamentos afetivo-sexuais à luz da teoria bioecológica

Resumo

É crescente o número de publicações científicas que buscam compreender a dinâmica da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. A intervenção e o suporte social são os diferenciais que garantem a possibilidade de aproximação e afastamento de situações como a violência durante as experimentações adolescentes, sem que elas tenham caráter permanente ou determinista na vida da pessoa. O objetivo deste estudo foi investigar as percepções dos adolescentes sobre violência no namoro e analisar, à luz da teoria bioecológica, as expectativas e experiências dos adolescentes sobre o tema de violência no namoro. Foram realizados dois grupos focais com alunos de ensino médio de uma escola pública do DF. Os dados foram analisados qualitativamente e quatro categorias foram derivadas dos grupos. Os resultados indicam que os adolescentes iniciam a vida amorosa cada vez mais cedo e reconhecem a importância da prevenção por demandarem um espaço de diálogo sobre a violência no namoro que preceda essas experiências. Apesar de reconhecerem violência em seus relacionamentos e de seus pares, os jovens percebem que tem dificuldade em estabelecer limites nas relações e não sentem que contam com recursos para intervir com os amigos.

Palavras-chave; Adolescentes, Teoria Bioecológica, Violência no Namoro, Intervenções

Abstract

Is increasing the number of scientific publications that seek to understand the dynamics of intimate relationship violence among teenagers. Intervention and social support are the advantages that guarantee the possibility that adolescents go through situations such as violence, without it becoming an permanent pattern in the person's life. This study aimed to investigate teenager's perceptions about dating violence and analyze the teenager's expectatives and experiences about dating violence, using the bioecological theory. Two focus groups were conducted with high school students in a public school in DF. The data were analyzed qualitatively and four categories were derived from the construction of the groups. The results indicated that adolescents begin the love life earlier than expected and recognize the importance of prevention by demanding a space to talk about DV before having their first experiences. Despite acknowledging violence in their relationships and in their peer's, young people recognize difficulties in establishing boundaries in relationships and don't feel they have the resources needed to intervene with friends.

Keywords; Teenagers, Bioecological Theory, Dating violence, interventions

A violência no namoro pode ser definida por atos de natureza física, psicológica, verbal ou moral que causem dano ou sofrimento ao parceiro (Diniz e Alves, 2015). A violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes pode ser um fator preditivo para ocorrência de violência em relacionamentos maritais ou outros relacionamentos amorosos, além de causar danos físicos e psicológicos àqueles que vivenciam estas agressões (Barreira, Lima & Avanci, 2013; Oliveira & Sani, 2009).

A concepção de adolescência como fase do desenvolvimento humano não se resume mais a um conjunto de mudanças físicas em advento da puberdade. Essa etapa do desenvolvimento deve ser contextualizada em um meio histórico, cultural e social. Sendo assim, adota-se uma concepção plural de adolescência(s), sem buscar por indicadores universalistas (Lordello & Costa, 2015).

Uma teoria que consegue combater determinismos e que será adotada neste artigo para melhor compreensão do pensamento adolescente é a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (1979/1996). Embora este autor não tenha produzido cientificamente sobre a adolescência, o esquema conceitual da abordagem privilegia a leitura contextual deste período, em consonância com a visão de adolescências plurais.

Para o entendimento da violência no namoro, a abordagem também se mostra oportuna, pois seu instrumental não se apresenta linear, com visões de causa e efeito, mas traz a complexidade para a compreensão de um fenômeno que apresenta multiplicidade de variáveis. Pode-se afirmar que a dinâmica violenta de um relacionamento não se reduz à história do casal, mas ao contexto social e a todos os sistemas nos quais estes indivíduos

estão inseridos (Batista, Trigueiro, Leonardt, Mazz & Labronici, 2013), o que mostra maior adequação à escolha deste referencial teórico para a análise das informações obtidas com os adolescentes.

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano

A teoria ecológica de Urie Bronfenbrenner apresentou uma nova ótica sobre os processos psicológicos humanos, postulando que estes não eram apenas propriedade do sujeito em si, mas de um conjunto de sistemas nos quais a pessoa está inserida. O desenvolvimento consiste num processo de interação recíproca entre a pessoa e seu ambiente através do tempo, e ocorre em função da pessoa, do ambiente presente, e também dos múltiplos contextos que a pessoa está inserida e das relações entre eles. Essas interações são experiências, concebidas subjetivamente e adicionadas de cargas afetivas e influenciada pela história de cada indivíduo (Narvaz & Koller, 2004).

Quatro elementos são utilizados por Bronfenbrenner para compreender o desenvolvimento de forma sistematizada: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. (Bronfenbrenner, 2011; Lordello & Costa, 2015). Os processos proximais são onde se dão as interações entre indivíduo e ambiente, devendo essas interações serem recíprocas e, a depender de suas características pode gerar resultados positivos, representados pela aquisição de habilidades cognitivas e sociais, denominados como efeitos de competências; ou negativos, como efeitos de disfunções. Os processos proximais devem atender aos critérios para produzir os citados efeitos: a interação deve ocorrer por períodos estendidos de tempo, com relativa regularidade; as atividades se tornam progressivamente mais complexas; objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular o desenvolvimento; e a interação deve ser recíproca, havendo engajamento nas relações interpessoais (Lordello & Costa, 2013).

A pessoa neste modelo é definida por suas características biológicas, psicológicas e os resultados de seus processos. (Bronfenbrenner, 2011; Leme, Del Prette, Koller & Del Prette 2016). O contexto é composto por quatro sistemas interdependentes: o microsistema é o ambiente direto, as relações interpessoais, onde ocorrem os processos proximais, como a família, a escola, os grupos de amigos; o mesossistema é o composto de microsistemas, e comporta as trocas entre um ambiente e outro, possibilitando a experimentação de diferentes papéis sociais; o macrossistema é composto pelos elementos da cultura que afetam as relações sociais, como a economia, a política e as crenças. O último componente do contexto é o próprio tempo, ou cronossistema, que é a influência do momento histórico em que os outros sistemas estão situados, além de comportar as mudanças do próprio indivíduo em sua história de vida (Leme et.al, 2016; Bronfenbrenner 2011).

Violência no namoro e adolescência

De acordo com Silva e Oliveira (2016), foram notificados 1924 casos de violência contra a mulher entre os anos de 2009 e 2012, no Distrito Federal. Os principais agressores identificados são cônjuges ou companheiros afetivos. A violência nas relações amorosas não se dá apenas em relacionamentos mais duradouros e estruturados, como o casamento, por exemplo. Portanto, há um recente e crescente número de publicações científicas que buscam compreender a dinâmica da violência em outros tipos de relacionamento afetivo-sexual, como namoros ou “ficadas” (Soares, Lopes & Njaine, 2013; Gomes, R., 2011; Diniz & Alves, 2015).

Dentre as consequências da vitimização por esse tipo de violência estão: depressão, uso de álcool e drogas, gravidez não planejada e contração de doenças sexualmente transmissíveis, ideação e tentativa de suicídio, além de marcas e sequelas da violência física (Silverman, Raj, Mucci, & Hathaway, 2001; Rizzo et al., 2018). No contexto brasileiro, uma

pesquisa realizada com mais de três mil adolescentes aponta que quase 87% dos adolescentes já foram vítimas de violência nas relações íntimas (Oliveira, Assis, Njaine & Oliveira, 2011).

Classicamente, a adolescência é descrita como um período de desenvolvimento físico e psicossocial, cujo início é marcado pela emergência da puberdade e o fim pela inserção profissional na vida adulta. É necessário levar em conta as diferenças sócio-culturais que tornam a adolescência uma vivência plural, de forma que as definições clássicas que tratam essa etapa do ciclo vital como universal e abstrata já não são suficientes para a compreensão mais aprofundada dos fenômenos inerentes à esta fase. Essas mesmas definições de adolescência também a interpretam como um período conturbado e de rebeldia, e até mesmo semi-patológico, o que foi reproduzido pelos meios de comunicação e naturalizado pela sociedade, contribuindo para uma leitura social que minimiza e deslegitima as vivências adolescentes (Cerqueira-Santos, Neto & Koller, 2014).

Para além de um período de transformações físicas, a adolescência é um período de desenvolvimento global, que compreende a construção da identidade e do sentido de vida do sujeito e a experimentação de novos papéis, que emergem num contexto de ganho de autonomia e mudanças nos laços socioculturais (Rodríguez & Damásio, 2014). As experiências nessa etapa de vida podem ser ensaísticas, que são aquelas de caráter provisório, ou definitivas. A intervenção e o suporte social são os diferenciais que garantem a possibilidade de aproximação e afastamento de situações e papéis durante as experimentações adolescentes, sem que elas tenham caráter permanente ou sejam deterministas nas outras etapas do ciclo de vida da pessoa. Sendo assim, com a adequada intervenção, o papel de namorado ou namorada pode possuir repertório comportamental e características diferentes do papel de marido ou esposa que o indivíduo vai assumir após alguns anos (Carreteiro, 2010).

O presente artigo é a terceira etapa de uma avaliação de necessidades. As duas primeiras investigaram a literatura sobre intervenções de prevenção à violência no namoro e o relato dos pesquisadores que desenvolvem essas intervenções. Sendo assim, essa pesquisa teve por objetivo investigar as percepções dos adolescentes sobre violência no namoro, uma vez que as intervenções são destinadas a esse público. Os objetivos específicos foram analisar, à luz da teoria bioecológica, as expectativas e experiências dos adolescentes sobre o tema de violência no namoro, com o intuito de constituir espaço de escuta para o próprio processo de elaboração de intervenções futuras.

Método

Participantes

A amostra foi de conveniência, composta por 12 estudantes de uma escola pública de ensino médio do Distrito Federal. Os participantes foram selecionados por critério de idade - ter entre 14 e 18 anos - e também aqueles que já tiveram algum relacionamento amoroso atual ou no passado. Os participantes foram distribuídos em dois grupos, de acordo com a tabela 1.3:

Tabela 1.3 - Identificação dos participantes por nome fictício, idade e série escolar

Grupo Feminino (GF)	Grupo Masculino (GM)
Luciana, 16 anos, 2º ano	Renato, 16 anos, 2º ano
Marina, 16 anos, 2º ano	Patrick, 16 anos, 2º ano
Brenda, 17 anos, 3º ano	Gustavo, 17 anos, 2º ano
Fernanda, 16 anos, 2º ano	Eduardo, 17 anos, 2º ano
Jade, 14 anos, 1º ano	Guilherme, 17 anos, 2º ano
Laís, 16 anos, 2º ano	Adriano, 16 anos, 2º ano

Instrumentos

O instrumento utilizado foi um roteiro de perguntas com temas disparadores para fomentar a discussão do grupo (Anexo A). As questões abordaram as definições e o reconhecimento da violência no namoro por parte dos adolescentes e as formas de enfrentamento de violência dos mesmos. O mesmo instrumento foi utilizado nos dois grupos.

Cuidados Éticos

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CEP-IH) em 24 de outubro de 2018. CAAE: 88642518.1.0000.5540.

A participação daqueles com idade inferior a 18 anos ficou condicionada à anuência de um responsável. Os alunos interessados receberam duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma via para pais ou responsáveis e outra para ficar com a pesquisadora. Os participantes também receberam duas vias do termo de assentimento que foi assinada por eles, sendo uma das vias para ficar em posse do pesquisador.

Procedimentos

O estudo empregou a metodologia de grupos focais como técnica para coleta de dados qualitativos, a fim de apreender não só as experiências individuais, mas o que é vivenciado pelo grupo (Kind, 2004; Gomes, Telles & Roballo, 2009). Foram realizados dois grupos focais, um com adolescentes do sexo feminino e outro com os adolescentes do sexo masculino.

Os grupos focais foram realizados numa sala disponibilizada pela escola, fora do horário de aulas. Antes de dar início às discussões, os alunos foram esclarecidos do objetivo da pesquisa e avisados que poderiam desistir ou sair da sala a qualquer momento e que não

seriam identificados nos resultados da pesquisa. A discussão do grupo foi gravada em áudio para fins de transcrição, com a autorização dos participantes.

Análise de dados

O conteúdo dos grupos focais foi transcrito integralmente. Foi utilizada análise de conteúdo como metodologia de interpretação qualitativa dos dados, identificando as categorias de conteúdo expressas por trás dos diálogos (Minayo, 2001). O processo de análise se deu nas seguintes etapas: leitura flutuante das transcrições, por grupos; análise temática das falas dos participantes; e definição de categorias a partir dos temas levantados nos dois grupos (Campos, 2004; Minayo, 2001).

Resultados e Discussão

Após a análise, levantou-se 4 categorias principais que permearam a co-construção dos dois grupos: a) a idade de início da vida amorosa e os tipos de relacionamento; b) características desejadas e indesejadas de um relacionamento; c) reconhecimento de relacionamentos abusivos e violências; d) possibilidades de prevenção: diálogo sobre violência no namoro e rede de apoio social. Dentro das categorias, serão exploradas os pontos similares e destoantes entre os discursos do grupo feminino (GF) e do grupo masculino (GM), sem a pretensão de comparação mas com vistas à extração de singularidades. Os nomes apresentados nos resultados são fictícios, para preservar o sigilo dos adolescentes. Optou-se por apresentar resultados e discussão em uma mesma sessão por avaliar que as falas dos participantes apresentadas nos resultados como também representativas dos elementos da discussão.

A idade de início da vida amorosa e os tipos de relacionamento

Os dois grupos assumem que a idade para começar a se relacionar foi em torno dos doze anos, contudo, a percepção dessa experiência varia entre os grupos. Enquanto no grupo

masculino essa experiência foi descrita como “inocente” para alguns, para o grupo feminino essa vivência foi considerada marcante por ser o primeiro relacionamento sério, que pode criar padrões que serão seguidos ou não nas relações futuras. Esse primeiro investimento também foi reconhecido como mais propício para o surgimento de violências, justamente pela ausência de parâmetro de quais comportamentos e demandas devem ser tolerados numa relação amorosa. Essa concepção pode ser ilustrada na fala de Marina, que considera o seu primeiro relacionamento como abusivo:

Na época eu tinha 13 anos, eu não sabia o que era namorar, foi o meu primeiro relacionamento. Hoje em dia, se eu ver, eu não aceito, tem coisa pequena que eu já não aceito. Mas foi meu primeiro relacionamento (. . .) eu me apeguei de uma forma, porque eu não sabia como era nem nada e o menino na má intenção fez minha cabeça sempre (Marina, 16 anos).

A categoria que trata do início da vida amorosa e dos tipos de relacionamentos confirma os dados da literatura sobre as experiências ensaísticas da adolescência (Carreteiro, 2010) e o quanto a não comparação com vivências anteriores, como relacionamentos de primeira vez, permitem a naturalização da violência por completo desconhecimento do que é esperado ou não numa relação. Conforme os autores sinalizam, uma experiência ensaística pode se tornar definitiva por ausência de intervenção. Isso aponta para um trabalho preventivo precoce que possa trazer para os adolescentes padrões sociais de violências camufladas. Campanhas, sites e outras estratégias de prevenção universal se mostram adequadas a esse público alvo.

Os principais tipos de relacionamento mencionados foram o “ficar” e o “namorar”. O “crush” também foi citado no GF como alguém que desperta um interesse e investimento que

não necessariamente é correspondido. A definição de “ficar” não parece ter consenso entre os grupos. No GF, ficar foi definido como um “pré-namoro”, um período de teste da relação, mas também que indica envolvimento. Mesmo afirmando que o período do “ficar” não é necessariamente monogâmico, as garotas relatam não conseguir ficar com mais de um garoto ao mesmo tempo, mas também reconhecem que os garotos não mantêm o mesmo compromisso. No GM, ficar foi definido como “nada sério”, um tipo de relação que não demanda nenhum compromisso com o parceiro. Quando o garoto tem interesse na ficada e se envolve, diz que “está casado”, o que ainda é um tipo de relação com menos compromisso que o namoro. O namoro é o único status que foi percebido pelos dois grupos como uma relação séria que demanda respeito, honestidade e compromisso com as demandas do parceiro.

A leitura bioecológica permite compreender essas diferenças no âmbito do macrosistema, uma vez que as criações familiares ainda vigoram no modelo patriarcal, que diferencia valores entre meninas e meninos (Fávero, 2010). Estes últimos tem, nos próprios lares, uma estimulação de afirmação de gênero por ações sexistas, como pensamentos objetificados sobre a mulher. Embora as leituras mais recentes de estudo de gênero combatam tais estereótipos, estes ainda se mostram presentes no discurso de adolescentes ao avaliarem seus sentimentos em dispositivos amorosos modernos como o ficar, por exemplo (Zanello, 2018).

Apesar da reconhecida disparidade entre o conceito de “ficar” entre os garotos e as garotas, não foram mencionadas possibilidades de diálogo ou tentativas de se definir regras da “ficada”. A negociação dos termos de uma relação foi trazida por um participante do GM que mencionou o relacionamento aberto, com a possibilidade de estabelecer uma dinâmica

poliamorosa, como outra alternativa de modelo de relação e que, em sua visão, demanda diálogo e negociação de regras dentro do relacionamento. Nas palavras dele:

a gente podia ficar com outras pessoas, mas o namoro era entre nós, sabe? Se, tipo, uma terceira pessoa surgisse que nós dois gostássemos(. . .) a gente poderia namorar, começar com ele e redefinir regras e outras coisas, só que, se nem o namoro entre nós dois tava dando certo, imagina com uma terceira pessoa. (Eduardo, 17 anos)

Novamente a cultura disponibiliza dispositivos atualizados de relacionamento, mas o macrossistema permanece mantendo a perpetuação de crenças sexistas na educação dos filhos. O próprio adolescente mostra que seus recursos biopsicológicos contam com experiências inovadoras e diversificadas, mas reconhece que o processo proximal de relacionar-se incluindo uma terceira pessoa, ainda carece de investimento, pois confronta com suas próprias habilidades de diálogo e negociação que ainda se encontram em construção. Observa-se que os processos proximais de relacionamento amoroso, no caso que descreve, parece apresentar mais efeitos de disfunção do que de competência, no momento em que se encontra.

Características desejadas e indesejadas de um relacionamento

No GM, os pontos positivos do relacionamento estão relacionados à convivência: intimidade, interação mais frequente, sensações físicas positivas. O critério mais mencionado para uma relação de sucesso foi o respeito, sendo prejudicial para a relação a falta dele e de comunicação. Os garotos também consideram “problemas emocionais” como algo indesejado no parceiro, tanto no sentido de transtornos mentais, quanto em demonstrações exacerbadas de choro, tristeza e sensibilidade. Os adolescentes indicam vários elementos presentes nos processos proximais de se relacionarem intimamente com alguém. É possível notar que

critérios como engajamento, reciprocidade, complexidade crescente, período regular de tempo e interação com símbolos mostram o quanto são significativos para uma elaboração do processo de se relacionar e seu aprimoramento gerando efeitos de competência, que podem se aprimorar a cada experiência íntima.

O GF enfatiza a sinceridade, honestidade e fidelidade como as características mais desejadas num relacionamento, além de lealdade e respeito. A traição foi considerada a principal falha num relacionamento, seguida de mentiras e invasão dos limites pessoais e tentativa de controle. A detecção desses aspectos que consideram falhas no relacionamento amoroso também indica um processo proximal que antevê efeitos de disfunção, o que pode ser muito benéfico na tarefa de construção da identidade do adolescente, pois revelam limites que podem ser considerados sinais de comportamentos inaceitáveis quando o assunto é se relacionar.

Há a preocupação entre as adolescentes também de não deixarem o namoro tomar um papel central em sua vida, prejudicando as outras redes sociais e atividades. Este último aspecto faz menção à articulação entre os microssistemas dos quais fazem parte, pois o mesossistema é o conjunto de ambientes nos quais os adolescentes interagem e que produzem impactos entre si. O fato de dar centralidade ao namoro, pode prejudicar outros espaços de interação que são igualmente importantes para o desenvolvimento psicológico, como escola, igreja, trabalho, esporte e tantos outros nos quais são reconhecidos ambientes para que os processos proximais ocorram, contemplando diferentes potencialidades.

Reconhecimento de relacionamentos abusivos e violências

Ambos os grupos relataram que homens e mulheres sofrem tipos diferentes de violências em uma relação. A definição de relacionamento abusivo para o GM estava

relacionada principalmente à restrição de liberdade. Os garotos se percebem em um relacionamento não-saudável quando sentem que não podem sair com os amigos ou manter amizade com outras garotas. Para eles, essas privações aumentam a probabilidade de que o homem implicado nessa situação responda com violência física ou que também tente controlar a parceira.

As garotas também apontam a restrição de liberdade quando debatem sobre como um relacionamento seria abusivo para um homem. Quanto ao que pode ser sofrido por mulheres, relatam a violência física, verbal, o controle de vestimentas e locais que frequentam e a possessividade. A violência psicológica foi a mais enfatizada e também considerada um mecanismo mantenedor das relações abusivas devido às suas consequências, em especial, o isolamento social, como ilustrado em duas falas do GF:

Quando você vai aceitando por um tempo a pessoa mudando a sua cabeça ‘ ah tá bom, vou evitar sair com a minha amiga, vou evitar ir pra uma festa porque ele não gosta’. (Jade, 14 anos)

E fora que quando acaba você perdeu tudo né, você perdeu suas amizades, você perdeu tudo. Você viveu em função daquilo. (Marina, 16 anos)

Não foram trazidos relatos de agressões praticadas por mulheres, apenas sofridas, até o assunto ser mencionado pela pesquisadora. Ambos os grupos reconheceram que a violência perpetrada por mulheres existe, mas que estas ainda são majoritariamente vítimas em relacionamentos violentos. No GM, essas agressões foram citadas como “situações extremas”. Também foi mencionado por Eduardo que em relacionamentos homoafetivos masculinos, a violência costuma ser direcionada àquele que seria considerado como mais feminino:

“ele é mais afeminado, e o cara que ele tava ficando tava tendo um relacionamento abusivo, e ele falava, tipo: “Você que é a puta, e eu sou o macho. A gente é dois homens, mas eu que sou o macho. Então, uma coisa abusiva.” (Eduardo, 17 anos)

A leitura bioecológica permite que o macrossistema seja mencionado como norteador dos pensamentos revelados nos grupos sobre comportamentos considerados abusivos em relacionamentos amorosos e justificam as diferenças de gênero presentes. A cultura adultocêntrica minimiza as relações amorosas entre os adolescentes e, muitas vezes, os adultos presentes no mesossistema da pessoa não se dispõem a fazer trocas recíprocas sobre o tema. O compartilhamento das vivências no relacionamento costuma ser trocados com os pares, que podem naturalizar a possessividade e o ciúme dentro de uma relação afetivo-sexual por também estarem vivenciando seus primeiros relacionamentos.

O fato da violência ser direcionada a figuras femininas reflete a norma social que permeia o macrossistema dominado pela cultura patriarcal: o mais poderoso controla o menos poderoso (Fávero, 2010). O relato de Eduardo entra em consonância com a leitura de gênero é produtor identidade através de performances instituídas ao feminino e masculino (Butler, 1999). Observa-se a dinâmica que dominação simbólica do que é inerente ao masculino ante ao feminino não está ligada apenas ao sexo biológico e se perpetua mesmo quando a performance feminina parte de um homem. Em contraponto, as agressões femininas são minimizadas ou não legitimadas, pois a violência no relacionamento ainda está associada à demonstração de dominação do poder masculino (Oliveira, Assis, Njaine & Oliveira, 2011).

Diferente da violência doméstica, a violência no namoro acontece muitas vezes de forma bidirecional, ou seja, ambas as partes implicam-se nos papéis de vítima e perpetrador da violência (Caridade & Machado, 2008; Costa, Costa & Nascimento, 2018). Contudo, as mulheres são as principais vítimas e as que sofrem mais consequências dessa violência, sendo

que em alguns casos as agressões femininas tem caráter de não submissão (Narvaz & Koller, 2006). Não se pode perder de vista a promoção de relacionamentos saudáveis, onde não cabe nenhum tipo de violência perpetrado por nenhuma das partes. Cabe ao desenvolvedor de programas neste campo não perder de vista as singularidades de gênero implicadas na atuação dos papéis de vítima e agressor e buscar trabalhar junto aos adolescentes as crenças sexistas e papéis de gênero rígidos (Cercone, Beach & Arias, 2005).

Os adolescentes citaram repercussões emocionais negativas, como tristeza ou raiva constantes, e o sentimento de privação de liberdade na hora de escolher passeios e companhias como os principais sinais que os levariam a perceber que estão em um relacionamento abusivo. No GF também foi enfatizado a necessidade de reconhecer limites aos primeiros sinais de violência, uma vez que a dinâmica violenta estabelecida no relacionamento pode gerar consequências cada vez mais graves: *“É igual deixar a pessoa confortável em te machucar” (Brenda, 17 anos)*.

Os dois grupos trouxeram o envolvimento emocional como a maior barreira para o reconhecimento ou o término de um relacionamento, e trouxeram relatos onde eles mesmos ou amigos permaneceram em relações violentas por estarem apaixonados. No GF, as participantes consideraram que tem mais dificuldade de reconhecer dinâmicas não saudáveis em seus próprios relacionamentos, pois em suas palavras, ficam “cegas de amor”. A agressão física o maior limite para um término de uma relação, independente do envolvimento emocional. Traição também foi citado como um motivo que levaria ao fim de uma relação, mas que pode ser perdoada às vezes.

Considerando o desenvolvimento das relações de namoro como um processo proximal (Lordello & Costa, 2015), os adolescentes reconhecem que os comportamentos violentos se tornam um padrão de complexidade crescente ao longo do tempo e avaliam como abusivos os

processos que produzem efeitos disfuncionais, como sentimentos negativos e isolamento social. A intervenção precoce que promova conhecimento sobre a identificação de comportamentos abusivos, e para além disso, repertórios como habilidades sociais, comunicação não violenta e assertividade, empoderam a pessoa para que ela tenha recursos que possibilitam que o namoro gere efeitos positivos. Os resultados também demonstram a importância da prevenção à violência psicológica em específico, pois os efeitos e comportamentos ligados a esta foram os mais citados como sinais de um relacionamento abusivo, contudo, ainda parece ser tolerável dentro de um relacionamento, sendo apenas a violência física um fator determinante para o término da relação.

É necessário também levar em conta a moderação do amor romântico como na manutenção e legitimação de relacionamentos violentos (Lelaurian, Fonte, Giger, Guinard & Lo Monaco, 2018). O dispositivo amoroso tem papel constitutivo nas práticas e representações do “ser mulher”, implicando que esta performance está centrada no ser amável, amada, e se sacrificar por amor (Swain, 2006; Azevedo & Zanello, 2015). O amor romântico é a principal temática de muitos objetos da cultura consumido pelos adolescentes, especialmente nos materiais voltados ao público feminino, reforçando o dispositivo amoroso na lógica em que o amor demanda sacrifício tornando assim a tolerância de comportamentos violentos e infidelidade em sofrimentos cabíveis na função de preservar a relação.

Diálogo sobre violência no namoro e rede de apoio social

Os resultados apontaram vários indicadores e dispositivos de comunicação que estimulam o diálogo. Para os adolescentes, o principal catalisador dos debates sobre relacionamentos são as séries de TV e filmes. Consideram que as produções de entretenimento tem cada vez mais abordado temas polêmicos de maneira sensível e sem tabu. Dessa forma, o assunto se insere naturalmente no diálogo com os pares: “*Eu acho que é o*

bom da série, o bom de ser transmitido assim, é porque acaba que a gente conversa sem perceber.” (Lucas, 17 anos).

As séries e filmes populares entre os adolescentes estão presentes nos processos proximais na forma de símbolos que estimulam a atenção, exploração e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Lordello & Costa, 2015). A produção cultural ultrapassa os fins de entretenimento e se insere em processos proximais e que, neste caso, podem gerar efeitos de competência, à medida que promovem o diálogo e a aquisição de conhecimentos que empoderam o adolescente reconhecer e nomear violências.

A família foi citada como modelo de relação amorosa, seja para ser seguido ou para ser evitado, como ilustra a fala de Brenda:

“A relação do meu pai e da minha mãe era monstruosa, monstruosa de verdade, coisas deles chegarem e um enforcar o outro, era a coisa mais horrível que tinha, e era sem controle, e tipo de muitas pessoas que eu conheço também eram assim (. . .) hoje em dia eles velhos eles entendem que tudo é ruim que tem que terminar que não pode deixar chegar nesse ponto, mas aí eu tenho me cuidado também.” (Brenda, 17 anos)

As interações desenvolvidas no microssistema familiar são reproduzidas em outros contextos, perpetuando a permissividade da violência nas relações em outras interações (Oliveira & Sani, 2009). O relato de Brenda é um exemplo de como os efeitos de um processo proximal variam de acordo com as características da pessoa e dos outros ambientes em que ela interage (Lordello & Costa, 2015). Nesse caso, os recursos pessoais da adolescente e, provavelmente, outros modelos de relação amorosa presentes em outros microssistemas permitiram que a experiência de presenciar violência entre os pais

desenvolvesse efeitos de competência, à medida que adolescente adquiriu conhecimentos que permitiram que ela identificasse sinais de violência em seus próprios relacionamentos.

Entretanto, não se deve descartar que o testemunho de agressões entre os pais é uma forma de violência indireta contra o adolescente (D’Affonseca & Williams, 2011).

A fala de Brenda remete ainda ao conceito bioecológico de macrotempo, que compreende o desenvolvimento por meio das mudanças geracionais (Lordello & Costa, 2014). O relato da adolescente indica que a violência perpetuada ao longo de outras gerações pode ser considerada um fator de risco relevante para a violência nos relacionamentos íntimos, o que ela presencia em sua família e que é corroborado pela literatura (Oliveira & Sani, 2009; Barreto, Bucher-Maluschke, Almeida, & Souza, 2009).

A escola foi mencionada apenas como um lugar onde as demandas emocionais obtém respostas de cunho pedagógico, quando esperam uma escuta afetiva. A escola é percebida pelos participantes como um espaço educativo que responsabiliza-se apenas pela mediação de conteúdos formais, desconsiderando o papel dos fatores sociais e emocionais no desenvolvimento e, por conseguinte, os adolescentes se sentem menos engajados a buscar o diálogo sobre outros temas neste microsistema. Contudo, reconhecem o espaço de interação como legítimo e desejam a abertura desse ambiente para tratar de questões que emergem em contextos sociais, considerando a escola como um dos pontos mais adequados para se realizar uma intervenção: *“seria maravilhoso se desde pequena a gente tivesse uma matéria específica pra debater temas polêmicos” (Andreia, 16 anos).*

As adolescentes também sugerem que as intervenções tenham como público-alvo os pré-adolescentes. Elas reconhecem o valor da promoção e prevenção, por meio do apontamento da necessidade de intervenções precoces, que antecedam os acontecimentos. Essa demanda se dá pelo reconhecimento de uma cultura sexista que permeia as relações e

naturaliza violências, e a necessidade de que ela seja problematizada antes mesmo das primeiras experiências para que os limites que devem ser estabelecidos em um relacionamento amoroso não sejam conhecidos somente após uma relação violenta:

acho que todas as questões, essas questões assim que acontecem na nossa população, vem tudo de uma cultura, de uma cultura que a gente cria então se mexer com isso desde o início vai criando uma nova cultura, isso vai se espalhando e vai tendo bem mais chances de resolver. (Brenda, 17 anos)

No meu caso mesmo [de violência no namoro], se quando eu tinha uns 12 anos tivessem sentado numa roda e conversado, tinha aberto muito a minha mente pra um monte de coisa. (Marina, 16 anos)

As percepções sobre o papel da família como rede de apoio não se mostraram consensuais, pois para alguns a família é uma das principais provedoras de acolhimento, e para outros os familiares seriam os últimos com quem contariam. O discurso do grupo é de que as diferenças entre as gerações dificultam o diálogo e que a possibilidade de contar ou não com eles para ajudar em uma situação de namoro violento depende do vínculo e da comunicação entre o adolescente e a família. Muitos adolescentes relataram que não recorreriam aos pais porque não encontrariam diálogo, apenas julgamentos e ordens para terminar a relação.

A literatura também tem ressaltado a importância de programas e políticas sociais que tenham como alvo a família ao invés do indivíduo, aumentando a possibilidade de que os mesmos sejam mais efetivos por atuarem diretamente com o sistema (Morais, Lima e Fernandes, 2014). Embora a teoria bioecológica reconheça os fatores ligados à pessoa, como forças, recursos biopsicológicos e demandas, é nos microsistemas que tais características podem ser melhor reconhecidas e potencializadas, pois os processos proximais são ativados

pelas interações recíprocas, gradativamente mais complexas e que apresentam regularidade, não se limitando a ações episódicas. Esse é o principal argumento para que os programas e políticas não sejam orientados para o adolescente ou a adolescente, mas para os seus contextos e relações interpessoais desenvolvidas dentro desses sistemas (Bronfenbrenner, 1979/1996). O trabalho com o microsistema familiar também pode promover as interações recíprocas sobre violência no namoro entre pais e filhos, através da sensibilização dos genitores a escuta da vivência de seus filhos, estabelecendo relações de confiança e promovendo vínculos familiares propícios ao diálogo.

Os pares foram a principal rede de apoio citada pelos adolescentes e, contraditoriamente, a fonte considerada menos confiável e efetiva por eles. Os resultados mostraram que quando estão na posição de testemunhar um amigo em um relacionamento não-saudável, sentem-se desconfortáveis em intervir por receio de comprometer seus vínculos e perder amizades, além de afirmar que só tentariam alertar sobre a situação se fosse um amigo muito próximo. As adolescentes também se preocupam em serem violentadas ao tentar intervir. Surgiu no discurso de ambos os grupos a situação de impotência diante dessas situações, sentem que não devem recomendar o término do namoro, então tentam aconselhar amigos mais próximos, porém se percebem sem recursos para efetivamente ter impacto nesta realidade.

Sempre via ele malzão e tal, e não era uma pessoa próxima, então tipo, não tem nem como falar, né? Só fico observando. E já teve casos com amigos meus, mas é uma coisa muito íntima, então às vezes é difícil de se intrometer, e às vezes, se o teu amigo achar ruim, acaba estragando tua amizade. (Guilherme, 17 anos)

Quando eu fui explicar as coisas pra ele [namorado de uma amiga], ele me empurrou e aí eu sai de perto, é óbvio né, eu não ia me meter, não tinha ninguém pra me defender. (Marina, 16 anos)

O GF também também apresentou relatos de casos nos quais as amigas para quem confidenciaram questões do namoro passaram a se relacionar com o ex-companheiro delas após o término. Dessa forma, as amigas não são vistas como fontes confiáveis para se discutir questões sobre o relacionamento, pois as adolescentes desconfiam das intenções por trás dos conselhos, como ilustra o diálogo que segue:

[falam] você devia terminar com ele, você é muita areia pro caminhão dele

- *aí vocês terminam e do nada vai lá e pega ele*
- *a sonsa! Aí vocês terminam e ela vai atrás dele e fica com ele e fala “ah, nossa, ele é perfeito” começa a falar mó bem dele.*

Tais resultados são consonantes com o da pesquisa de Soares, Lopes e Njaine (2013), que verificou que os adolescentes buscam principalmente o apoio dos pares quando percebem conflitos em suas relações afetivo-sexuais. Apesar de reconhecerem família, escola e profissionais de saúde como meios importantes e confiáveis para buscar apoio em situações de violência, não encontram espaço de diálogo nesses espaços, nem se sentem compreendidos. Elementos reforçados pela cultura patriarcal desfavorecem as adolescentes, que contam com uma rede de apoio ainda mais reduzida pela competição feminina instituída no lugar da sororidade.

Um aspecto a ser considerado na exclusividade do microsistema de pares para o debate sobre violência no namoro a convivência com pares que também estão em relacionamentos abusivos o que é um fator de risco para que o adolescente se mantenha em uma relação violenta ou valide comportamentos agressivos num relacionamento futuro

(Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012; Arriaga & Foshee, 2004). Além disso, a ausência de diálogo também leva os adolescentes a se considerarem sem recursos diante desse cenário, uma vez que as trocas são limitadas às pessoas que se encontram em um nível similar de desenvolvimento. A abordagem de educação por pares considera a influência dos amigos como um fator chave para a mudança de comportamentos, crenças e atitudes associados à manutenção da violência nos relacionamentos, e promovem recursos para que os pares possam reconhecer a violência nos relacionamentos de colegas e intervir de forma segura (Santos & Murta, 2016).

Referências

- Arriaga, X., & Foshee, V. (2004). Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 162- 184.
- Azevedo, C. M., & Zanello, V. L. (2014). Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da disney. *Feminismos*, 2, 36-44.
- Barreira, A. K., Lima M. L.C., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciências & Saúde Coletiva*, 18(1): 233-243.
- Barreto, A. C., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C., & Souza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86-92.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100012>
- Batista, J. M. S., Trigueiro, T. H., Lenardt, M.H., Mazz, V. A.,& Labronici, L. M. (2013). O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a práxis da enfermagem diante da violência doméstica. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 17(1):

173-178.

- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M. A. Verríssimo, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres mais humanos*. (A. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: Artmed
- Butler, J. (1999). *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: G. L. Louro, *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp 153-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614.
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3(2), 232-280.
- Caridade S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1): 77-104.
- Carreiro, T. C. (2010). Adolescências e experimentações possíveis. In: M. Marra & L. F. Costa (Eds), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp 15-24). São Paulo: Ágora
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface (Botucatu)*, 20(59): 853-864.
- Cercone, J. J., Beach, S. R. H., & Arias, I. (2005). Gender symmetry in dating intimate partner violence: Does similar behavior imply similar constructs? *Violence and Victims*, 20(2), 207-18. doi:<http://dx.doi.org/10.1891/088667005780905614>

- Cerqueira-Santos, E., Neto, O. C. M., & Koller, S. H. (2014). Adolescentes e adolescências. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S.H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp.17-29). Porto Alegre: Artmed.
- Costa, A. M., Costa, M. C., & Nascimento, O. C. (2018). Percurso Amoroso e Eventos Violentos nas Relações de Namoro de Jovens. *Revista de Saúde Coletiva da UEFES*, 8, 39–45. <https://doi.org/10.13102/rsdauefs.v8.2973>
- D’Affonseca, S. M. & Williams, L. C. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas da violência doméstica: uma revisão de literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 236-251.
- Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. (2015). Gênero e violência no namoro. In: S. G. Murta, J. S. N. F Bucher-Maluschke, & G. R. S. Diniz (Orgs.). *Violência no namoro: Estudos, prevenções e psicoterapia* (pp 19-42). Curitiba: Appris.
- Fávero, M. H. (2010). *Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultural e transformações*. Curitiba: Ed. UFPR
- Gomes R. (2011). Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: M.C.S. Minayo, S.G. Assis, & K. Njaine (Orgs), *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros* (pp. 141-151). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Gomes, V. L. O., Telles K. S, & Roballo, E. C. (2009). Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 13(4): 856-862.
- Kind, L. (2004). Notas para trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista* 10(15): 124-136.

- Lelaurian, S., Fonte, D., Giger, J. C., Guinard, S., & Lo Monaco, G. (2018). Legitimizing intimate partner violence: the role of romantic love and the mediating effect of patriarchal ideologies. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-18.
<https://doi.org/10.1177/0886260518818427>
- Leme, V. B. R., Del Prette, Z. A. P., Koller, S. H., & Del Prette, A. (2016). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. *Psicologia & Sociedade*, 28(1): 181-193.
- Lordello, S. R. M., & Costa, L. F. (2013). A metodologia qualitativa no estudo do abuso sexual intrafamiliar. *Revista Psicologia e Saúde*, 5(2), 127-135.
- Lordello, S. R., & Costa, L. F. (2014). Gestação decorrente de violência sexual: um estudo de caso   luz do modelo bioecológico. *Contextos Clínicos*, 7(1), 94-104. doi: 10.4013/ctc.2014.71.09
- Lordello, S., & Costa, L. F. (2015). Quando o príncipe vira sapo: Identificando os sinais de transforma o. In: S. G. Murta, J. S. N. F Bucher-Maluschke, & G. R. S. Diniz (Orgs.). *Violência no namoro: Estudos, preven es e psicoterapia* (pp 43-52). Curitiba: Appris.
- Morais, N. A., Lima, R., & Fernandes, J. (2014). Adolescência e contexto familiar. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S.H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e interven o psicológica* (pp.101-117). Porto Alegre: Artmed.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: S. H. Koller (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e interven o no Brasil* (pp 51-66). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico (RS)*, 37, 7-13.

- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Orgs.), *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 87-139). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Oliveira Q. B. M., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6: 162-170.
- Rizzo, C. J., Joppa, M., Barker, D., Collibee, C., Zlotnick, C., & Brown, L. K. (2018). Project Date SMART : a Dating Violence (DV) and Sexual Risk Prevention Program for Adolescent Girls with Prior DV Exposure, 416–426.
- Rodriguez, S. N. & Damásio, B. F. (2014), O desenvolvimento de identidade e sentido de vida nos adolescentes. In: L. F. Habigzang, E. Diniz, & S.H. Koller (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp.30-41). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, K. B., & Murta, S. G. (2016). Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 787-800. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000272014>
- Silva, L. E. L., & Oliveira, M. L. C. (2016). Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(2): 331-342.
- Silverman, J. G., Raj, A., Mucci, L. A., & Hathaway, J. E. (2001). Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. *Journal of the American Medical Association*, 286, 572-579.
- Soares, J. S. F, Lopes, M. J. M, & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil:

busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6): 1121-1130

Swain, T. N. (2006) Entre a vida e a morte, o sexo. *Revista Labrys, Estudos Feministas*,

Disponível em:

<<http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/entre%20a%20vida%20e%20a%20morte.htm>>

Zanello, V. L. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*.

Curitiba: Appris

Considerações finais da Dissertação

A violência nas relações afetivo-sexuais é considerada uma questão de saúde pública, por resultar em agravos na saúde física e mental daqueles que vivenciam esta dinâmica. Tal violência ocorre mundialmente em diferentes culturas. Para se compreender como o espaço de intimidade do relacionamento se torna violento, é necessário compreender que não há uma explicação causa-efeito, mas uma série de determinantes para a ocorrência ou não de violência que estão presentes no contexto onde se estabelecem essas relações, na cultura em que esses indivíduos estão inseridos, na história de vida da pessoa e até em seu funcionamento psicodinâmico.

As intervenções psicossociais são práticas, políticas, ou programas destinados a reduzir fatores de risco e/ou ampliar fatores de proteção de dinâmicas que produzem prejuízos à saúde física ou mental da população em geral (Murta & Santos, 2015). No caso da violência no namoro, as intervenções tem por objetivo atuar nestes determinantes, ampliando aqueles que podem ser protetivos e positivos para um relacionamento, como as informações que possibilitam a detecção de violência nas relações, ou reduzindo aqueles que aumentam o risco de que a violência aconteça, como às crenças sexistas que reforçam a violência de gênero.

Compreende-se que a demanda para tais intervenções surge em contextos que lidam com a práxis do atendimento às vulnerabilidades. Preconizando uma abordagem teórico-prática, a ciência da prevenção se articula à essa demanda provendo modelos que auxiliam a compreensão holística e ecológica do problema e sistematizando os passos necessários para transformar a demanda social em um produto que atue efetivamente nos determinantes da questão de saúde em foco. Por considerar todos os sistemas, não diminui a relevância da contribuição do profissional que trabalha diretamente com a questão em tela, e acrescenta

informantes importantes como aqueles que vão receber a intervenção ou a comunidade onde ela será desenvolvida. Esse procedimento promove a escuta aos interessados na intervenção e garante que a intervenção faça sentido e seja adequada para esse público, possibilitando a maior adesão e satisfação dos usuários.

No percurso dessa avaliação de necessidades alguns dados levantados merecem a atenção daqueles que pretendem atuar na prevenção da violência no namoro. O principal deles é o reconhecimento da necessidade da precocidade da intervenção. É necessário levar em conta que as primeiras experiências amorosas ocorrem cada vez mais cedo, e que a visão dos adultos presentes no mesossistema do pré-adolescente de que eles ainda vivenciam suas relações de maneira infantil, gera baixa disponibilidade e tolerância para dialogar sobre relacionamentos e sexualidade com esse público, que ensaiam as primeiras relações com desconhecimento dos e poucos espaços para buscas suporte social.

Os pares são a principal rede de apoio para os adolescentes quando se trata de partilhar experiências e pedir conselhos sobre o namoro. Contudo, os mesmos se percebem despreparados para auxiliar os amigos. É necessário que os programas desenvolvidos com os adolescentes ofereça recursos e os empodere para atuarem na promoção de relacionamentos saudáveis para os seus pares, sendo a educação de pares uma abordagem reconhecida para capacitar os jovens a promover a cultura de relacionamentos saudáveis e atuar em situações de violência de forma segura e consciente. Também é importante que o microsistema dos amigos não seja o único espaço para o desenvolvimento das questões amorosas, sendo interessante que outros stakeholders se envolvam nessa atuação.

É interessante a mobilização de professores, diretores e coordenadores e familiares como stakeholders e alvos da intervenção. Considerando que o desenvolvimento ocorre ao longo do tempo, a atuação com aqueles que vão permanecer em interação com o adolescente

pode garantir que os esforços para se intervir em questões mais complexas como promover a mudança da cultura sexista. A atuação em nível individual, apenas com os adolescentes, pode produzir efeitos menos significativos ou de curto prazo, pois os demais microssistemas que o adolescente frequenta (e que continuará frequentando após a intervenção) podem reforçar crenças e comportamentos que perpetuam a violência e o sexismo. A atuação com os demais microssistemas deve ocorrer no sentido de prover conteúdo informativo sobre a violência nos relacionamentos, trabalhar crenças sexistas que influenciam em uma abordagem que responsabiliza a vítima em casos de violência de gênero, além do incentivo a criação espaços onde o adolescente sintase seguro e respeitado para compartilhar suas vivências amorosas. A atuação com esses atores amplia os efeitos da intervenção e capacita multiplicadores para promover a cultura de relacionamentos saudáveis. A abordagem bioecológica ressalta a importância do ambiente e das interações no desenvolvimento humano. Sendo assim, apresenta-se como uma ferramenta de compreensão ecológica do adolescente e da dinâmica do relacionamento, sendo apropriada para embasar intervenções que buscam atuar nos principais sistemas que compõem a vida de um adolescente.

Outro ponto relevante levantado na avaliação de necessidades foi o baixo número de iniciativas preventivas da violência nos relacionamentos. O advento da lei Maria da Penha fortaleceu a articulação da rede de atendimento psicossocial de atenção à mulheres em situação de violência, mas ainda não há programas ou instituições de referência para prevenir esse tipo de agravo, sendo uma demanda ainda não tratada pelo Estado. Diante dos resultados obtidos e discutidos nessa dissertação, considera-se sua relevância social e científica, pois a etapa de avaliar necessidades representa um processo complexo que otimiza a construção da intervenção. Sistematizar essa etapa pode promover regulações nos delineamentos, com vistas à maior precisão de seus objetivos e estratégias. Essa robustez teórico-metodológica

representada pelas diferentes formas de realizar a avaliação de necessidades permite prever intervenções cujo desenvolvimento será baseado em informações muito relevantes, inspirando, no caso deste trabalho, um modelo lógico para intervenções futuras, conforme será mencionado abaixo. Essas informações possibilitam que a intervenção passe por adaptações para se adequar às diferentes realidades locais e sociais presentes no contexto brasileiro sem que haja comprometimento dos elementos centrais da intervenção, mantendo os resultados almejados.

O modelo lógico é uma representação gráfica dos elementos de uma intervenção. Essa ferramenta permite visualizar de forma esquematizada a lógica por trás de uma intervenção e o que esperar de seu funcionamento, a partir da relação entre recursos, barreiras, objetivos de mudança, atividades e resultados previstos (Murta & Santos, 2015). A figura 1 apresenta o modelo lógico construído a partir das informações coletadas nesta dissertação:



Figura 1 – Modelo lógico

Partindo do modelo lógico e demais insumos coletados durante o mestrado, pretende-se dar continuidade ao desenvolvimento da intervenção no curso do doutorado, e conduzir um teste-piloto para avaliar seus efeitos.

Por fim, considera-se como limitação dessa pesquisa a ausência de uso de instrumentos validados para a coleta dos dados. Recomenda-se a estudos futuros que utilizem-se de métodos mistos, a fim de obter por meio de dados quantitativos a incidência e distribuição de violência no namoro entre os jovens brasileiros, sem abrir mão de métodos qualitativos para o aprofundamento da pesquisa e extração de conteúdos subjetivos.

Referências

Murta, S. G. & Santos, K. B. (2015). Desenvolvimento de programas preventivos e de promoção de saúde mental. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (Eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (pp. 168-191). Novo Hamburgo: Sinopsys.

Anexo A - Itens disparadores para grupo focal

- O que é namoro? Quais outros tipos de relacionamento existem?
- O que faz um namoro ser bom? E o que faz um namoro ser ruim?
- Quais comportamentos podem ser considerados violentos ou abusivos em um relacionamento? Existe diferença no que é violento para meninos e para meninas?
- Você seria capaz de reconhecer caso você estivesse em um relacionamento violento? Quais seriam os indicadores que você notaria?
- Se você conhecesse alguém que está passando por um namoro violento como ajudaria? Com quem ou onde procuraria ajuda?
- De que forma outros adolescentes podem ter mais informações sobre esse tipo de violência?